

Nota do Organizador: Reproduzido de *Paulo Freire: educação e transformação social*, livro organizado por Paulo Rosas e publicado pela Editora Universitária da UFPE, em 2002, p. 31-95.

PAULO FREIRE E O MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

GERMANO COELHO

Este trabalho foi elaborado para o II Colóquio Internacional Paulo Freire, que ocorreu, no campus da Universidade Federal de Pernambuco, em Setembro de 2001, promovido pelo "Centro Paulo Freire – Estudos & Pesquisa".

O tema central do Colóquio foi: "Paulo Freire –Pedagogia e Reinvenção da Sociedade". O Movimento de Cultura Popular, criado no Recife, em 1960, foi objeto de estudo, por que foi nele, que nasceu o Método Paulo Freire e nele se pôs em prática intensivamente a pedagogia do oprimido.

Fechado o MCP pela força das armas, em 1964, seus fundadores, quatro anos depois, criaram o Centro de Integração Empresa Escola de Pernambuco, na Faculdade de Direito do Recife, da UFPE. Escolheram o dia 6 de março, data da Revolução Republicana de 1817, para o surgimento do CIEE. Colocaram, no Estatuto da Instituição, o compromisso de desenvolver-se como um movimento de cultura popular. Adotaram, oficialmente, o Hino do MCP, como Hino do CIEE. E, conferiram a Paulo Freire, o troféu "Guerreiro da Luz".

Assim, o CIEE tenta manter vivo o sonho do MCP.

NAQUELE TEMPO

O Movimento de Cultura Popular nasceu no Recife, no Arraial do Bom Jesus, em Casa Amarela, no dia 13 de maio de 1960, data comemorativa da Abolição da Escravatura, assinada no Paço da Cidade do Rio de Janeiro, em 1889, ano do primeiro centenário da queda da Bastilha, marco perene da Revolução Francesa, cujo grande lema era "Liberté - Égalité - Fraternité"

Naquele tempo, 15 anos após o término da II Guerra Mundial (1939 a 1945), o mundo ainda tentava curar os ferimentos da hecatombe. E esquecer o horror das revelações do Tribunal de Nuremberg: deportações, extermínio, genocídio. E apagar as imagens do holocausto: Auschwitz, Treblinka, Buchenwald. E perder a trágica lembrança da bomba atômica, o cogumelo gigante de radiação letal, massacrando Hiroshima e Nagasaki. Georges Rouault explicou tudo no Miserere, deixando a mensagem imortal de Hobbes, no Leviathan – "Homo homini lupus", o homem é o lobo do homem.

Forme, couleur, harmonie
Oasis ou mirage
Pour les yeux, le coeur ou l'esprit.

La paix ne semble guere régner
Sur ce monde angoissé
D'ombres et de semblants.

No entanto, naquele início da década de 60, havia também os que semeavam esperança. A Organização das Nações Unidas (ONU), desde fins de 1945, intentando manter a paz internacional, apesar das guerras implacáveis da Coréia (1950 a 1953) e do Vietnã (1965 a 1975), e da Guerra Fria, que cindiu o mundo em dois: Washington e Moscou. A UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, sediada em Paris, construindo pacientemente a paz do mundo, através da educação, da ciência e da cultura.

UM UNIVERSO DE IDÉIAS

Naqueles dias de 60, havia já luminosas análises, que influíam, fortemente, sobre os rumos do MCP. Gabriel Marcel, na Sorbonne, balizara o caminho, na obra "Être et avoir" (1935), aprofundando, em dois volumes, "Le mystère de l'être" (1951). Emmanuel Mounier, através de sua revista "Esprit" e de numerosos livros, havia exercido um grande influxo sobre a filosofia e a ação do Movimento. Foram sumamente importantes: "Révolution personaliste et communautaire" (1935), "De la propriété capitaliste à la propriété humaine" (1936), "Manifeste au service du personnalisme" (1936), "L'affrontement chrétien" (1944), "Traité du caractère" (1946) e "Feu la chrétienté" (1950). Jacques Maritain, da Sorbonne, já havia ensinado a pensar, especialmente através de "Distinguer pour unir ou les degrés du savoir" (1932), dando em seguida o sentido e a dimensão da ética na política, com o "Humanisme intégral" (1938). Friedrich Spiegelberg e Horace Friess, da Columbia University, haviam publicado, em New York, "The bible of the world" (1939), um monumento à fé, à compreensão, ao entendimento e à tolerância.

Naquele tempo, Bernard Lavergne e Georges Lasserre, ambos da Sorbonne, já "havam aprofundado a crítica do sistema capitalista e apontado rumos, nas obras "Essor et décadence du capitalisme" (1938), "La Révolution coopérative" (1944), "L'hégémonie du consommateur; Vers une rénovation de la science économique" (1958), e "Socialiser dans la liberté; la vocation de l'Europe"

(1949). Pitirim Sorokin, da Universidade de Harvard, diagnosticara a crise de nosso tempo, partindo da análise dos processos sociais básicos e criando significativa obra: "Social and cultural dynamics" (1941 a 1962: 4 vol), "Man and society in calamity" (1942), "Altruistic love" (1950). Joseph Schumpeter, da Harvard, já havia ressaltado o papel do empresário dinâmico, em sua "The theory of economic development" (1934), apontando, em "Capitalism, socialism, and democracy" (1942), que o capitalismo poderia eventualmente desaparecer, em decorrência de seu próprio sucesso, dando lugar a alguma forma de controle público ou socialismo. Georges Gurvitch, da Sorbonne, em "La vocation actuelle de la sociologie" (1950), identificara, como objeto da sociologia, a realidade social complexa e difusa, que deveria ser analisada, em profundidade, através de todos os seus patamares, por um método específico: o tipológico. Karl Gunnar Myrdal, economista sueco da escola de Stockholm, tinha examinado um grave fator de desintegração, dentro dos Estados Unidos, na obra "An american dilemma. The negro problem and modern democracy" (1944). Suas conferências, na Universidade do Cairo, sobre "Development and under-development" (1955) já eram discutidas, no Recife, tendo tido grande repercussão, no nosso meio, "Na international economy. Problems and prospects" (1956), traduzida pelo Fondo de Cultura Económica do México com o significativo título "Solidaridad o desintegración". Depois, importante para a problemática do Brasil, surgia a valiosa obra "The Asia drama. An inquiry into the nature and causes of the poverty of nations" (3 vol. 1960), parodiando o famoso trabalho de Adam Smith.

Todas essas obras e esses autores exerceram uma certa influência sobre fundadores da instituição. Henri-Charles Desroches e Jean-Yves Calvez, um dominicano e um jesuíta, haviam aberto as sendas e veredas para a compreensão do comunismo, com duas grandes obras: "Signification du marxisme" (1950) e "La Pensée de Karl Marx" (1956). Pierre Teilhard de Chardin, do Insitut de France, comprovara a continuidade da evolução mental e social do homem, através de um conjunto de obras surpreendentes: "Le Phénomene humain" (1955), "L'Apparition de l'homme" (1956), "Vision du passé" (1957), "L'Avenir de l'homme" (1959), "L'Énergie humaine" (1962). François Perroux, da Sorbonne, desvendara todos os mecanismos da dominação econômica, apontando um rumo novo, uma economia do homem todo e de todos os homens, ultrapassando-se a era da avareza das nações, em busca de uma economia do gênero humano, examinada em sua grande obra "L'Économie du XXe siecle" (1961). Celso Furtado e Raul Prebisch, ambos da CEPAL, haviam esclarecido as razões do subdesenvolvimento da América Latina, através de dois grandes livros: "Formação econômica do Brasil" (1959) e "Hacia una dinámica del desarrollo latinoamericano" (1963).

EXPERIÊNCIAS CONCRETAS

Na década de 50, participei com Norma de quatro experimentos diferentes, que influíram, fortemente, na concepção do MCP. Todos quatro ligados profundamente ao povo. Todos quatro contando com o ideal e o entusiasmo da juventude. Todos quatro comprometidos com a educação e a cultura. Todos quatro centrados na força indestrutível do trabalho humano.

Peuple et Culture

O primeiro, Peuple et Culture, que se denominava, também, oficialmente, Movimento de Cultura Popular. Dele, herdamos o nome. E, em grande parte, o espírito. O encontro inicial ocorreu em casa de Marcel Mermoz, um barracão cheio de livros. Ele havia sido chefe da famosa Communauté de Travail Boimondau e, naquele instante, estava à frente da Entente Communautaire, federação das comunidades de trabalho francesas. A missão de Boimondau se revelava inteira, no seu lema: "Naus fabriquons des boitiers de montre pour faire de hommes". Fazer homens, como ele definia, fortes, corajosos, com uma consciência clara, na vontade, nos sentimentos, na compreensão do mundo. Homens de caráter, livres, generosos, cultos, simples, homens de paz.

Em Boimondau, na faina de fazer homens, encontramos, pela primeira vez, Joffre Dumazedier, do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e de Peuple et Culture, que nos deu algumas obras suas, fundamentais para a ação do futuro MCP: "Regards neufs sur el sport" (1950), "Les loisirs dans la vie quotidienne" (1954) e "Télévision et education populaire" (1955).

Em junho de 1963, recebemos Dumazedier no Recife, no Arraial do Bom Jesus; visitamos juntos a Cidade, Olinda e Jaboatão; percorremos as Praças de Cultura do MCP; discutimos a formação dos monitores para os programas de televisão; e juntamos mais duas obras suas para a nossa já rica biblioteca do Movimento: "Sociologie de la lecture" (1960) e "Vers une civilisation du loisir?" (1962).

Freinet

Foi Roger Cousinet, professor de Norma no Curso de Pedagogia da Sorbonne, após um estágio enriquecedor, que fizemos sob sua direção, em "La Source", que recomendou a nossa ida a Vence, nos Alpes-Marítimos. Aliás, Piaget e Cousinet, na Sorbonne, sempre enalteciam a "notável obra pedagógica" de Freinet. E este foi o segundo experimento, importantíssimo para o futuro do MCP; o encontro, na escola de Vence, com Célestin e Élise Freinet, em 1954.

Chegamos guiados pela história contada por Élise Freinet: "Naissance d'une pédagogie populaire". Atraídos pela mística, vivida por Freinet, de uma nova escola pública: "l'école du peuple". Ficamos hospedados na própria escola. Terreno amplo, muitas árvores, piscina e, no fundo, belíssimo, o Monte Branco, eternamente nevado. Uma escola, no meio da natureza, que segundo Freinet "é para a criança uma tonificante necessidade". De manhã cedo, mesmo os menores, correram todos para a piscina, quebraram a fina camada de gelo, que a noite formara, e mergulharam impávidos. Freinet chamava isso "o choque frio". Muito bom para a saúde, naquele ambiente alegre, feliz, espontâneo, distendido e, ao mesmo tempo, com marcas tão fortes de uma educação espartana. Lembramos, sem querer, versos ouvidos na juventude:

"Antigamente, a escola era risonha e franca,
Do velho professor, as cãs e a barba branca

Infundiam respeito, impunham simpatia.
E, modelando as feições do velho, que sorria,
Era como uma criança, no meio das crianças."

Após o café, apareceu o primeiro interlocutor:

- Meu nome é Kiki. Tenho 8 anos. Veja o livro que eu fiz. Começamos a passar as páginas.
- E essas ilustrações?
- Fui eu que fiz.
- E essa historinha tão bonita?
- Fui eu também que fiz.
- E o livro mesmo, quem imprimiu?
- Fui eu também; venham ver como se imprime o livro. E nos segurou pela mão. E saímos para descobrir essa maravilhosa conquista: a imprensa na escola.

A notícia se espalhou rapidamente: há um casal de brasileiros na escola. E os alunos se mobilizaram. Correram à Biblioteca. Consultaram o Fichário Escolar Cooperativo. Tomaram notas. E, à tarde, convocaram todos para o debate. Assunto: Brasil. E nunca nos fizeram tantas perguntas sobre o país. Isto só pôde ocorrer porque o fim da educação era a formação, o enriquecimento profundo da personalidade do aluno. Por que a escola não estava mais centrada em matérias e programas, mas sobre o aluno como membro da comunidade escolar.

Em Cannes, na Côte d'Azur, visitando o Institut Coopératif de l'École Moderne, sentimos a amplitude do movimento Freinet, na França, na Europa e no mundo. E, na Sorbonne, no Museu Pedagógico da Universidade de Paris, acompanhamos, durante um mês inteiro dedicado à Pedagogia Freinet, a apresentação de suas realizações mais significativas. Inclusive sobre o cinema na escola, um filme belíssimo como o Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry, cujos textos, filmagem, atores, atrizes, tudo, sem exceção, era obra dos alunos de Freinet.

Lebret

O terceiro experimento, vital para o futuro MCP, foi o nosso encontro com Lebret, em La Tourette, no Centro de Economia e Humanismo. O dominicano Pere Pirou nos recebeu, com muita simpatia, dizendo: "Norma quer dizer lei; Germano quer dizer irmão; a lei do irmão é a fraternidade, a lei dos cristãos. Obrigado pelos nomes que vocês têm." No fim da tarde, na hora do poente, Lebret nos chamou para passear com ele pelas colinas, conversando conosco sobre o Nordeste e o Brasil. Este passeio se repetiria todos os dias. Era o sinal do grande apreço, que Lebret tinha pelos brasileiros. "Olhem o campo francês, todo trabalhado, dizia ele. No Brasil, quase tudo está por fazer". E falava, longamente, sobre "aménagement des territóires" e desenvolvimento econômico e social.

Lebret havia criado um movimento, que se expandiu e se tornou mundial "Économíe et Humanisme." "O objetivo: salvar e elevar o homem. Todo o homem e toda a humanidade." Isto está escrito, no seu pequeno grande livro "Príncipes

pour l'action". Também outras reflexões, que ajudaram a formar a ideologia do MCP:

- Meditar e tornar a meditar o Evangelho do caminho de Jericó. Quem é o moribundo à beira da estrada? É o infeliz que realmente encontramos em nossa vida, mas é também o proletariado oprimido, os ricos materializados, a burguesia sem grandeza, os poderosos sem horizontes.
- Devemos acolher antes de tudo em nosso coração a miséria do povo. É a menos merecida, a mais tenaz, a mais opressiva, a mais fatal. E o povo não tem ninguém para preservá-lo da miséria, para ajudá-lo a sair dela. A miséria do povo está ao mesmo tempo no corpo e na alma. Cuidar das necessidades imediatas adianta pouco, a não ser que as opressões e as injustiças sejam suprimidas, a não ser que os humildes se associem para a conquista progressiva da felicidade.
- Acolher a miséria, toda a miséria humana, toda a miséria das habitações, dos vestuários, dos corpos, do sangue, das vontades, dos espíritos; a miséria dos desclassificados, dos proletários, dos que economizam, dos banqueiros, dos nobres e dos príncipes, das famílias, do sindicalismo, dos cartéis, dos impérios.
- Grandeza. Ver com grandeza, querer com grandeza, pensar com grandeza, realizar com grandeza. Nos combates de hoje, tudo se trava na escala do homem e na escala do mundo. É preciso estar sempre disposto a realizar, por todos os modos, coisas grandes.
- Nada de discutir: construir.

Além da colaboração permanente, na importante revista bimensal do movimento "Économie et Humanisme", Lebreton publicou ainda algumas obras, que exerceram grande influência sobre o MCP: "Guide du militant" em 2 vol., "Tension du monde moderne", "Découverte du bien commun", "Guide pratique de l'enquête sociale" em 4 vol. Mas, o grande legado foi "Suicide ou survie de l'occident? Dossier pour comprendre les problèmes de ce temps", publicado em Paris, no ano de 1958.

Nesta obra, Lebreton, "expert" da ONU com acesso a tantos dados, denuncia a força, o poder, a coação, como instrumentos da atividade econômica. Analisa o que foi a dominação inglesa, até meados do século XX, reproduzindo páginas admiráveis de François Perroux, em "L'Europe sans rivages" (1954). É uma potência, uma economia não continental, marítima, imperial, a Grã-Bretanha, a primeira economia dominante da era da industrialização. Como símbolo desta supremacia, Londres, a praça por excelência, é a central da economia do mundo. Os preços praticados lá para as matérias primas, transportes por mar, seguros, são preços diretores. Enfim, praça dominante, divisa dominante, preços dominantes.

Lebreton registra que, logo após o término da II Guerra Mundial, James Burnham, o festejado autor da "The managerial revolution" (1941), professor da New York University, publica "The struggle for the world", traduzida para o francês com o significativo título "Pour la domination mondiale" (1955), defendendo as seguintes idéias:

- A civilização ocidental atingiu um estágio de sua evolução, que exige a criação de seu império universal. E não existe sobre o planeta senão duas potências capazes de pretender este império.
- Não são nossos desejos individuais, mas as condições da sociedade mundial, que põem hoje o problema da dominação do mundo entre a União Soviética, representante do comunismo, e os Estados Unidos, representante da civilização européia.
- É verdade que, no curso desta decisão, os dois antagonistas poderão ser destruídos. Mas é preciso que um dos dois o seja.
- Em política, o pequeno deve procurar a amizade do mais forte. Os fortes devem demonstrar pela ação sua pretensão ao poder.
- Os Estados Unidos devem fazer compreender sem equívocos, que há qualquer coisa a ganhar sendo seu amigo e muito a perder para seus inimigos.
- A realidade é que a Única alternativa do império mundial comunista é um império americano, que se não é mundial pelo traçado de suas fronteiras, será todavia capaz de exercer decisivamente o controle do mundo.
- Os Estados Unidos dispõem no mundo inteiro de um poder maior do que qualquer nação jamais possuiu; consequência desse poder é o nível de vida mais elevado que jamais se viu.
- Socialmente, politicamente e culturalmente os Estados Unidos não estão prontos para o papel mundial que todavia são obrigados a assumir. Os Estados Unidos só chegaram à maturidade num só domínio, o do desenvolvimento da técnica e da produção.
- Os americanos não contribuíram quase nada, nas pesquisas fundamentais. A verdadeira energia criadora dos Estados Unidos se exprimiu na organização e na produção em massa.

Lebret analisa como a dominação inglesa cedeu lugar à dominação americana. E observa: "Os norte-americanos ficam perplexos ao constatar que suas intervenções, estimadas por eles benéficas (e sendo, de fato, parcialmente), suscitem em toda parte uma espécie de ódio. É que eles criaram uma forma nova de colonialismo, tão detestada quanto a primeira e ainda menos carregada de respeito e de amor. Os povos ajudados cedo descobrem que eles não são importantes por eles mesmos, mas em função dos objetivos americanos de instalação de bases estratégicas de apoio ao exército anti-comunista, de matérias primas ou energéticas necessárias à indústria dos Estados Unidos, da obtenção de dividendos substanciais.

Os povos se sentem tão explorados e tão enganados quanto pelos antigos colonialistas. Na realidade, eles não contam como pessoas, mas como meios da prosperidade e da segurança dos Estados Unidos".

Diante dos fatos e dos dados reunidos nesse dossiê, que foi de tanta valia para o MCP, Lebret concluiu: "o regime capitalista, sob suas formas antigas e sob sua forma atual, não permite a **mise en valeur rationnelle de l'ensemble du monde**". Não assegura a passagem "da avareza das nações a uma economia do gênero humano". E o que o mundo espera é uma nova civilização comprometida com o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens".

Israel

Aprovado nos exames do Doutorado, na Faculdade de Direito de Paris, escolhi como presidente de tese o professor Jean Lhomme, que acabara de expor e debater conosco, durante todo o ano, "La politique sociale de l'Angleterre contemporaine" (1953), curso transformado em livro e publicado, logo depois, por Presses universitaires de France. Submeti ao orientador e obtive, também, a aprovação do tema da tese e de seu esquema minucioso, cujo documento, com o aprovo do presidente, foi, em seguida, registrado na Faculdade de Direito. Mal havia começado o trabalho, na Biblioteca Nacional, quando numa das sessões de orientação, o professor Lhomme levantou um problema, que mudou totalmente os rumos da ação: Você teria condições de ganhar o mundo e ver outras experiências diferentes, antes de escrever a tese?

De repente, nos encontramos descendo para o sul da França, em Valence com Peuple et Culture, em Vence com Freinet, em Lyon com Leuret, no Mediterrâneo com o Père Loew e "Les dockers de Marseille", em Ivrea na Itália, com Olivetti e Comunità, em Assis no vale da Umbria com a grande mensagem de São Francisco, em Firenze e Roma com o legado imperecível do Renascimento, em Bari no Adriático e por mar, no Speria, rumo à Grécia, ao Egito, ao Líbano à Jordânia e, enfim, a Israel. Eretz-Israel, a terra de Israel é o quarto experimento, cujo arrojo da juventude influenciou tanto sobre o elan, a garra, a vibração e o ritmo do MCP.

A entrada em Israel foi difícil. Havia guerra entre árabes e judeus. Vínhamos de países árabes: Egito e Líbano. E estávamos agora, em Jerusalém, na Jordânia.

Saindo pela Porta de Damasco, existia um Único acesso a Israel, controlado pela ONU. Mas tínhamos que atravessar a fronteira a pé, cruzando a "terra de ninguém". De um lado, o exército árabe; do outro, o judeu.

Apresentamos o passaporte, numa casamata de soldados árabes. Só levávamos um "sac à dos", com a bandeirinha do Brasil e uma caixa de papelão. Eles revistaram a pequena bagagem, nas costas de cada um e, por fim, abriram a caixa. Era um Cristo feito por um eremita, num tronco de oliveira, do próprio Monte das Oliveiras. Havia recebido todas as bênçãos da Terra Santa, no túmulo de Cristo.

Os árabes abriram a caixa, viram e disseram apenas "Issa", que quer dizer Jesus. E nos deixaram passar. Andamos uns 15 minutos, no meio de tudo destruído, sempre em frente. De repente, ouvimos vozes. Avistamos sacos de areia empilhados. Era uma casamata de soldados judeus.

Apresentamos o passaporte. Estávamos, finalmente, em Israel.

Na velha Jerusalém árabe, tínhamos ficado hospedados em casa de religiosos, na Via Dolorosa, em frente ao palácio de Pontius Pilatos. Em Israel, ficamos em Notre Dame de Sion, ordem voltada para a conversão do povo judeu. Fazíamos as refeições no refeitório dos padres. Père Jean-Roger, francês, judeu convertido, ouviu com muito interesse o relato de nossa chegada a pé. E foi incisivo: vocês poderiam ter morrido, na "terra de ninguém". Foi esse Cristo, que lhes salvou a vida. Na certa, eles pensaram: se tudo o que levam é apenas "Issa", não são judeus.

Passamos três meses em Israel. Visitando, com emoção, os lugares santos da história de Cristo. Vendo o passado mais longínquo de Abraão, de Isaac e de Jacó. Sentindo, através da História, das lutas incessantes e da "diáspora", as vicissitudes do povo judeu. Compartilhando, nos campos de refugiados controlados pela ONU, o drama e a tragédia dos palestinos. Descobrimos as instituições e as pessoas, que dão força a esse experimento novo de Israel, considerado por Arnold Toynbee, o grande historiador inglês em "A study of history" (12 vol. 1961), como a maior experiência do nosso tempo. Aprendendo a admirar seus símbolos, a Menorá, candelabro de sete braços, um dos principais objetos de culto no Templo do Rei Salomão, em Jerusalém, hoje emblema do Estado de Israel. Rendendo homenagem, no Kibbutz Sde Boker, junto às tumbas dos dois heróis da fundação do país, Paula e David Ben Gurion; no Mar Morto, no alto da montanha Massada, aos que resistiram 3 anos ao cerco romano e preferiram morrer a serem escravizados; em Jerusalém, no Memorial do Holocausto Iad Vashem, aos 6 milhões de judeus assassinados pelos nazistas alemães.

Passamos todo esse tempo, recolhendo, com desesperada esperança, essas palavras solenes, lidas por Ben Gurion, no ato de Declaração do Estabelecimento de Israel: "Nós estendemos a mãos a todos os estados vizinhos e seus povos em um gesto de paz e boa vizinhança e apelamos a eles para que estabeleçam laços de cooperação e ajuda mútua com o povo judeu restabelecido em sua soberania nacional". Avaliando o grande feito do ressurgimento do hebraico, como língua viva. Conhecendo de perto o Knesset, a Histadrut, a Hebrew University.

Compreendendo o papel dos órgãos centrais da economia: a Hamashbir Hamerkazi, a Tnuva, Rehovoth. E, sobretudo, vivendo e trabalhando, na colheita da uva e no encaixotamento de maçãs, nos Kibbutzim, nos moshavim ovdim e nos moshavim schitufiim de Israel.

Há lembranças desse encontro com Israel, no Oriente Médio, que são idéias-força. Que vibram; que movem; que inspiram; que exprimem visões ardentes de um ideal histórico concreto realizável.

- No Monte das Bem-aventuranças, diante do quadro majestoso dos altíssimos montes Sírios e do lago de Tiberíades, recitando de memória o Sermão da Montanha.
- Da colina de Rachel, Ramat Rachel, em Jerusalém, a visão dos limites de Israel e da Jordânia; Israel completamente verde de tanto reflorestamento e irrigação, a Jordânia seca, desértica.
- Quando Israel se tornou independente, em 1948, havia em todo o território cerca de 4,5 milhões de árvores; hoje seu número já atinge mais de 200 milhões.
- Em Tel Aviv, numa exposição sobre o problema da água no país, milhares de luzes se acendendo e se apagando, no grande mapa cobrindo todo o território; cada ponto de luz representava um poço profundo aberto para a captação de água.
- Andando pelo país todo, quilômetros cobertos de árvores, todas da mesma altura, plantadas no mesmo tempo, num esforço sem precedentes de reflorestamento para criação de uma camada nova de solo e melhoria do clima. E, na Histadrut, um de seus líderes dizendo: eu ajudei a plantar aquela floresta.

- Em Cesarea, à beira do lago Tiberíade ou mar de Galiléia, em hebraico Kinnereth, todos os pontos luminosos, em torno do lago, de comunidades, onde cada um dá segundo sua capacidade e recebe de acordo com suas necessidades, como no Ato dos Apóstolos, em textos tão elogiados por Karl Marx e Frederico Engels, em "Cristianismo Primitivo"
- Num kibbutz jovem, localizado nos limites perigosos da Síria, antes da festa de inauguração, em hebraico, no refeitório, uma passagem da Bíblia: "Na escarpa da fronteira, coloquei a minha tenda". E jovens, rapazes e moças, de 18 a 20 anos, trabalhando a terra num trator, fuzil a tiracolo, bem perto dos inimigos sírios.
- Num kibbutz, no deserto do Negev, em hebraico, no refeitório, palavras do profeta Isaías: "Quando o meu povo voltar, farei florir o deserto". E lá fora, as roseiras belíssimas, nos jardins da comunidade.
- No poente, no gramado do kibbutz, os jovens "haverim" dançando, ao som da vibrante música do país, as belas danças coletivas de Israel.
- A surpresa de poder ver, com o apoio da Escola Bíblica de Jerusalém, "o que Jesus via do alto da cruz".
- A emoção de encontrar, nas escavações do Museu Britânico em cavernas pré-históricas, um sílex perfeito, e de ver no caminho, nesses mesmos campos, lírios brancos silvestres: "Olhai os lírios do campo como eles crescem: eles não tecem, nem fiam. E no entanto eu vos digo, que nem Salomão, em toda sua glória, jamais se vestiu como qualquer um deles". (Mateus, 6-28 e 29).
- A surpresa de conhecer, pessoalmente, David Ben Gurion. Lemos, então com muita atenção, uma de suas grandes obras "Rebirth and destiny of Israel" (1954). Aprendemos, que a missão do povo judeu, no Oriente Médio, era trabalhar pelo desenvolvimento do ser humano todo e de todos os seres humanos da região. Trabalhar, dando o exemplo, com "liberdade, justiça e paz, como previsto pelos profetas de Israel". Trabalhar, assegurando "completa igualdade de direitos sociais e políticos a todos os habitantes, independentemente de religião, raça ou sexo". Garantindo "a liberdade de religião, consciência, língua, educação e cultura", tudo isso, nos termos mesmos da Declaração do Estabelecimento do Estado de Israel, lida por David Ben Gurion, no dia 14 de maio de 1948, e assinada por todos os membros do Conselho Nacional.
- Pensando nisto, víamos, com emoção, Ben Gurion, já idoso, no seu kibbutz, saindo, de madrugada, de sua casa modesta, igual a de todos os "haverim", com um cajado na mão, levando o rebanho de ovelhas para o pasto.

INICIATIVA DA PREFEITURA DO RECIFE

O recém-eleito Prefeito do Recife Miguel Arraes convidou um grupo seletivo de pessoas para um encontro, na Prefeitura, a fim de se estabelecer um plano de escolarização para crianças e adolescentes carentes da Cidade, que não possuía uma rede municipal de educação.

No decorrer dos debates, fui indicado para elaborar uma proposta concreta. Todo aquele universo de idéias e todas aquelas experiências vividas vieram à tona. Passamos dias e dias, eu e Norma, debatendo, consultando, examinando, relembando, avaliando, formulando, escrevendo.

Finalmente, nascera um projeto, envolvendo a parceria do poder público e da iniciativa privada.

Não um simples órgão: mas um movimento em marcha. Não só para crianças e adolescentes, mas igualmente para adultos. Não apenas para a educação, mas também para a cultura. E com uma grande meta: elevar o nível cultural do povo, preparando-o para a vida e para o trabalho. E com um grande nome, que ouvimos, pela primeira vez, na Communauté de Travail Boimondau, herdado de Peuple et Culture: Movimento de Cultura Popular.

No dia aprazado, voltamos à sede da Prefeitura, na Rua da Aurora, para apresentar ao grupo convidado à concepção da proposta, com o nome da instituição a ser criada e o Estatuto elaborado.

Tivemos, antes, uma conversa com o Prefeito só, que aprovou tudo, pedindo, apenas, que não enfatizasse a amplitude do empreendimento, porque as pessoas têm um pouco de medo das coisas mais complexas.

Logo após esse dia, começamos a mobilização dos fundadores, que seriam também todos que assinassem o mencionado Estatuto. A idéia mesma do MCP. o compromisso concreto assumido com a assinatura, a condição de fundador, a sede conquistada: o Arraial do Bom Jesus, no 1600 trincheira de luta contra invasor; agora, de luta pela qualificação do povo brasileiro – tudo convergia para a adesão imediata. Esse recrutamento de pessoal, num movimento, que pretendia unir intelectuais-juventudepovo, foi imprescindível à força e ao dinamismo da organização. Tanto que se estendeu desde a data da fundação – 13 de maio de 1960 – até o registro em cartório: 19 de setembro de 1961.

PAULO FREIRE NO MCP

Paulo Freire não participou dessas reuniões na Prefeitura do Recife. Não participou, também, da elaboração da proposta do MCP. Em 1959, preparava-se para concorrer à cátedra de História e Filosofia da Educação, que ocupava interinamente, na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife. Em 1960, foi realizado o concurso. Concorreram, ele com a tese "Educação e atualidade brasileira" e Maria do Carmo Tavares Miranda com "Pedagogia do tempo e da história", examinando "a contribuição do povo hebreu, seu aspecto filosófico e histórico, para uma teoria da formação humana."

Eu e Norma acompanhamos, passo a passo, todo o concurso, inclusive com ele e Elza, em casa, quando saiu o resultado. Maria do Carmo conquistou a cátedra e Paulo Freire obteve o segundo lugar e os títulos de doutor e livre-docente. Foi após esse desfecho, que tivemos a alegria de receber Paulo Freire em nossa casa, na rua da Hora 100, no Espinheiro, onde nasceu verdadeiramente o MCP.

Contamos o grande plano; falamos da conquista da sede, no Arraial do Bom Jesus; lemos o Estatuto. E ele foi incisivo:

– Pode botar meu nome aí. Eu estou dentro disso. Eu estou nisso.

E assinou o Estatuto na hora, como um dos fundadores do MCP.

No início de seu mandato, em janeiro de 1960, o Prefeito havia me nomeado Diretor Executivo do DDC – Departamento de Documentação e Cultura. Este órgão da Prefeitura era uma espécie de Secretaria de Cultura do Município,

responsável diretamente pelo histórico Teatro Santa Isabel, pelo Teatro do Parque, pelo carnaval, pela discoteca e cabinas individuais para a audição de boa música, bem como por uma rede de bibliotecas públicas itinerantes. O DDC estava encastelado, no entanto, no alto de um edifício da Av. Guararapes, no centro da cidade. Meu plano era dinamizá-lo e ligá-lo à periferia, aos arrabaldes, ao povo, através do MCP.

No primeiro carnaval da década, inauguramos o I Baile Municipal da Cidade do Recife, com a presença de Tônia Carrero, da antropóloga norte-americana especializada nas festas de Morno, Catherine Royal, e dos três cronistas maiores do país: Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. Transformamos o Parque em Cine Teatro, como o do Clube Ginástico Português, do Rio de Janeiro. Aprovamos e iniciamos a reforma do Santa Isabel, após reunião que tive no IPHAN, com Rodrigo Melo Franco e seus dois grandes assessores, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Quando criamos a Comissão de Teatro, para movimentar o setor, com Hermilo Borba Filho, na presidência: rebentou a crise. Ele se demitiu pela imprensa. Deixou o MCP. Fez uma peça, levada, pelo Teatro Popular do Nordeste – TPN, no Teatro de Arena, da Av. Conde da Boa Vista, "A bomba da paz", na qual o Prefeito era um personagem boçal e eu, presidente da Sociedade de União de Católicos e Comunistas. Tudo isto, por que? Porque eu havia nomeado Paulo Freire para a Diretoria de Cultura do DDC, cargo que Hermilo esperava ocupar. É verdade, que num romance escrito posteriormente – "Deus no pasto" – ele se apercebeu do dedodurismo da "Bomba da paz" e sonhava com uma reconciliação comigo, dizendo: nunca vi uma pessoa com tantas idéias; é idéia saindo pelos olhos, pela boca, pelo nariz, pelos ouvidos, pelos cotovelos.

Paulo Freire assumiu, no MCP, a área de pesquisa, e integrou, desde o início, o Conselho de Direção, órgão executivo máximo da instituição, que era assim constituído: Germano Coelho, Anita Paes Barreto, Paulo Freire, Geraldo Vieira, Abelardo da Hora, Reinaldo Pessoa, Arnaldo Marques, Aluizio Falcão, Norma Porto Carreiro Coelho. Todos esses Conselheiros eram voluntários: exerciam os cargos sem remuneração.

MCP: DESENVOLVIMENTO ACELERADO

Paulo Rosas, um dos fundadores do MCP, em comunicação sobre "Educação popular no Nordeste, nos inícios de 60", apresentada à 32ª Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, realizada no Rio de Janeiro, em 1980 comprovou "o rádio desenvolvimento do Movimento de Cultura Popular", acrescentando: "o projeto do MCP foi rapidamente dinamizado".

Entre os fatores desse dinamismo, ele identificou "como primeiro deles o apoio que Miguel Arraes lhe dispensou e a esperança que Miguel Arraes despertava em numerosas e diversificadas faixas da população".

O segundo, disse Paulo Rosas, "foi, a meu ver, o clima quase místico dominante, pela crença no potencial humano brasileiro e nordestino, sem ufanismos, sem milagres, e que até certo ponto decorreu daquela esperança que Miguel Arraes despertava, até certo ponto era fruto do contagiante otimismo de Germano Coelho e ainda do espírito do tempo então reinante."

Um terceiro fator registra Paulo Rosas – em grande parte associado aos dois primeiros, contribuiu para a rápida ascensão do MCP: apesar das divergências ideológicas e talvez de propósitos, um denominador comum nos animava – a crença no programa em realização. Em outras palavras: éramos motivados a produzir o melhor e mais rápido que pudéssemos."

O apoio da Prefeitura do Recife ao MCP era, de fato, direto, imediato, orgânico. Na verdade, muitas vezes éramos, simultaneamente, Prefeitura e MCP. Dos nove dirigentes do Conselho de Direção, pelo menos cinco eram também dos quadros executivos da Prefeitura: Germano Coelho, Paulo Freire, Abelardo da Hora, Reinaldo Pessoa e Aluísio Falcão. E isto, viabilizava, simplificava, acelerava e fortalecia as decisões.

TEATRO DO OPRIMIDO

Assistimos, no Teatro de Arena, em São Paulo, "Revolução na América do Sul", de Augusto Boal. Convidamos o grupo para apresentar-se, no Recife, no Teatro Santa Isabel, já inteiramente reformado e aberto à juventude, sem a exigência antiga de paletó e gravata. O teatrólogo Graça Melo, também fundador do MCP, era o novo presidente da Comissão de Teatro, lutando pela dinamização do setor em Pernambuco.

Quando chegamos à velha casa de Vauthier para ver a Revolução, na América do Sul, somos recebidos com a notícia de que a Secretaria de Segurança Pública do Estado havia julgado a peça subversiva da primeira à última palavra e ali estava um exemplar do texto todo carimbado pela censura. E mais: a Revolução só seria encenada naquela noite, e com os cortes previstos. Curioso: onde havia a palavra "revolução" eles carimbavam "movimento", numa alusão direta ao MCP.

Reunimo-nos com a equipe de Boal.

– Perguntei: vocês topam, um confronto com a polícia?

– Boal respondeu: topamos.

– Então, eu disse: levem a peça na íntegra.

E saí para o Palácio do Governo, para comunicar o ocorrido ao Governador em exercício, o grande ex-Prefeito do Recife, engenheiro Pelópidas Silveira. Lá, ele me perguntou: Há tempo para dar um aviso, antes do término do espetáculo? Como lhe disse que havia, ele acrescentou: Pois você mesmo suba ao palco, e diga: "Amanhã o Governador em exercício vem ver esta peça, que será levada de novo na íntegra."

O nosso sonho era a criação de um conjunto próprio, que se tornasse a voz dos oprimidos.

Pedimos a Boal apoio do Teatro de Arena. De volta a São Paulo, ele deixou conosco Nelson Xavier e a figurinista francesa Ded Bourbonnais. E, com eles, nasceu o Teatro de Cultura Popular, do MCP, apresentando-se, pela primeira vez, no Teatro Santa Isabel, com a grande peça sobre a reforma agrária "Julgamento em Novo Sol". A crítica foi unânime. Não parecia um grupo amador.

Havia cenas, que lembravam esculturas movidas apenas pelo jogo de luz, como nos trabalhos de Eisenstein.

"Julgamento em Novo Sol" foi encenado um mês inteiro, no Rio de Janeiro, no Teatro da Casa do Estudante, em plena Av. Rio Branco. E, depois, foi apresentado, em Brasília, a convite do Governo Federal, para o Presidente da República e os Ministros de Estado.

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Em 1962, o MCP iniciou a alfabetização de adultos. Assinei convênio, em nome da Prefeitura do Recife e do MCP, com o Ministério da Educação e Cultura. O Programa Sirena do Governo Federal nos enviou as cartilhas e os discos correspondentes a cada lição. Reunimo-nos, um dia inteiro, com Maria José Baltar e Maria Antônia Mac-Dowell, ambas fundadoras do MCP, para avaliar o material todo. Uma decepção, dizia coisas assim: no fim do mês, você deve colocar sua poupança na Caixa Econômica Federal. Nada a ver com o Nordeste, com a pobreza de nosso povo, totalmente alienado e inaproveitável. A decisão foi imediata: vamos começar do início e fazer tudo.

Pedi, então, a Paulo Freire, que assumisse o comando do processo. Ele porém lembrou, que não tinha nenhuma experiência, na área, e por isso não podia aceitar a missão. Norma, com três anos de Pedagogia, na Sorbonne, e inúmeros estágios na Europa e em Israel, topou o desafio. E se uniu a Josina Godoy, ex-professora competentíssima, no Distrito Federal. O trabalho começou *incontinenti* e foi quase todo produzido, na Rua da Hora 100, aproveitando o material acumulado "em três meses de pesquisas, nas zonas populares do Recife". Surgiu, assim, o mais rapidamente possível, o "Livro de Leitura para Adultos", do Movimento de Cultura Popular.

Na capa um aluno de 60 anos, numa classe da primeira Escola Radiofônica do MCP. Lembro-me que ele dizia: O "o" é mais fácil de fazer, porque é só uma bolinha; o "a" tem uma coisa mais difícil, que eu nunca acerto; é encostar aquele rabinho na bolinha; sai sempre com o rabinho separado. O conteúdo do Livro de Leitura, na opinião de Anísio Teixeira, fazia dele "a melhor cartilha para adultos analfabetos que, até agora, conheci no Brasil".

Quando o Prefeito do Recife Jarbas Vasconcelos, atual Governador de Pernambuco, inaugurou seu Programa Editorial da Ação Cultural Libertadora, sob a direção do professor Jomard Muniz de Brito, em 1986, publicando na Coleção Recife vol. XLIX, a obra "Memorial do MCP", Josina e Norma escreveram, como uma apresentação da cartilha reeditada na íntegra, a nota que se segue, sob o seguinte título:

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE LEITURA PARA ADULTOS DO MCP

JOSINA MARIA LOPES DE GODOY
NORMA PORTO CARREIRO COELHO

Em Fevereiro de 1962, as escolas do MCP cobriram vastas áreas, à beira dos mangues e alagados, e nos altos quase inacessíveis do Recife.

O programa de educação para adultos exigia um método de ensinar a ler, enraizado nas coisas do Nordeste, e nos interesses de homens e mulheres discriminados pela sociedade e tangidos para a periferia.

O convênio celebrado com o Ministério da Educação e Cultura, em torno do **Programa Sirena**, havia fracassado, justamente quando chegaram as lições gravadas em disco e as cartilhas. Um desperdício de recursos federais. As aulas nada tinham a ver com a situação nordestina. Nem os centros de interesse. Nem o vocabulário. Nem mesmo a metodologia do ensino de adultos.

O MCP preferiu partir de zero, utilizando a experiência acumulada durante **três meses de pesquisas, nas zonas populares do Recife**.

Das longas conversas com o povo, surgiram os centros de **interesse fundamentais**, representativos das idéias básicas a serem debatidas em classe. Estes foram se agrupando, naturalmente, em dezesseis centros diferentes. Eram os temas que constituíam o universo de preocupação do adulto, no Recife. E foram, assim, relacionados: politização, sobrevivência, habitação, etc.

Utilizando-se a técnica de alfabetização, que parte da "palavra", foram escolhidas as "palavras-chaves". Estas são chamadas assim, porque além de encerrar as idéias significativas, apresentam, pela primeira vez, as sílabas que irão formar novas palavras.

Quarenta e três palavras-chaves foram identificadas, abrangendo cinquenta e oito sons, que devem ser aprendidos, porque servirão para formar todas as palavras da língua portuguesa.

CENTRO DE INTERESSES FUNDAMENTAIS COM AS RESPECTIVAS PALAVRAS-CHAVE

- | | |
|------------------|---------------------------|
| 1. Politização | 10. Problemas do campo |
| 1. 1. povo | 10.1. açúcar |
| 1.2. voto | 10.2. Pernambuco |
| 2. Sobrevivência | 10.3. engenho |
| 2.1. vida | 10.4. enxada |
| 2.2. saúde | 11. Problemas do Nordeste |
| 2.3. pão | 11.1. Nordeste |
| 3. Habitação | 11.2. homem |
| 3. 1 . casa | 12. Reforma agrária |
| 3.2. mocambo | 12.1. flagelado |
| 4. A cidade | 12.3. progresso |
| 4.1. Recife | 13. Desenvolvimento |
| 4.2. alagado | 13.1. Brasil |
| 5. Estado | 13.2. trabalho |
| 5.1. escola | 14. Pesca |
| 5.2. operário | 14.1. jangada |
| 5.3. livro | 14.2. peixe |
| 6. Religião | 14.3. coqueiro |

6.1. templo	15. Festas populares
7. O mundo	15.1. arraial
7.1. globo	15.2. quadrilha
7.2. atlas	15.3. frevo
8. O sertão	15.4. ritmo
8.1. sertanejo	15.5. zabumba
8.2 chuva	15.6. caboclinho
8.3 sol	15.7. Guararapes
9. Problemas da	16. Organização política
9.1. mangue	16.1. República
9.2. draga	16.2. democracia
	16.3. paz

Cada uma dessas palavras-chave pode conter um ou mais fonemas novos. Os sons, enquadrados pela palavra-chave, constam da relação integrante do **Guia do Alfabetizador**.

Assim, o esquema geral do processo de alfabetização utilizado foi o seguinte:

- 1º - Apresentação das palavras-chave e debate em torno do centro de interesse.
- 2º - Apresentação das palavras-chave dentro de frases.
- 3º - Destaque das sílabas novas encontradas nas palavras-chave.
- 4º - Composição de novas palavras.

A orientação metodológica das diversas fases da alfabetização foi dada, também, no **Guia do Alfabetizador**, utilizado pelo monitor, na Escola Radiofônica do MCP.

O **Livro de Leitura para Adultos**, de nossa autoria, teve ampla repercussão. As últimas aulas, Lição 75 - República e Lição 77 - Paz, foram escritas pelo Presidente do MCP, Germano Coelho, para transmitir uma síntese do Movimento e as linhas gerais de sua ideologia.

O grande educador brasileiro, Anísio Teixeira, em outubro de 1962, assim se externou sobre o **Livro de Leitura para Adultos** do MCP: "Confesso haver lido essa cartilha com inesperado entusiasmo".

As privações, as esperanças e os direitos do brasileiro tecem e entrelaçam aquelas frases lineares e singelas, e fazem do aprender a ler uma introdução à liberdade e ao orgulho de viver. Por tudo isto é que considero essa cartilha a melhor cartilha para adultos analfabetos que, até agora, conheci no Brasil".

Abrindo o Livro de Leitura para Adultos há um texto meu da época (1962), que vale também transcrever na íntegra:

O Movimento de Cultura Popular nasceu da miséria do povo do Recife. De suas paisagens mutiladas. De seus mangues cobertos de mocambos. Da lama, dos morros e alagados, onde crescem o analfabetismo, o desemprego, a doença e a fome.

Suas raízes mergulham nas feridas da cidade degradada.

Fincam-se nas terras áridas do Nordeste. Refletem o seu drama, como "síntese dramatizada da estrutura social inteira".

Drama também de outras áreas subdesenvolvidas. Do Recife, com 80.000 crianças de 7 a 14 anos de idade, sem escola. Do

Brasil, com 6 milhões. Do Recife, com milhares e milhares de adultos analfabetos. Do Brasil, com milhões.

Do mundo em que vivemos, em pleno século XX, com mais de um bilhão de homens, mulheres e crianças incapazes sequer de ler, escrever e contar.

O Movimento de Cultura Popular representa, assim, uma resposta. A resposta do Prefeito Miguel Arraes, dos vereadores, dos intelectuais, dos estudantes e do povo do Recife ao desafio da miséria. Resposta que se dinamiza sob a forma de um Movimento.

Que inicia, no Nordeste, uma experiência nova de Universidade Popular.

Este livro de Leitura para Adultos, que hoje o MCP edita, é parte desta resposta. Centrado nos interesses do adulto, exprimindo os anseios populares, ressaltando os valores regionais, ministrando ao mesmo tempo o ensino da língua e da gramática, ele constituirá, sem dúvida, mais um instrumento da cultura para a emancipação do povo.

*GERMANO COELHO
Presidente do MCP*

DEIXAR FLORIR MIL FLORES

Quando Norma começou a apresentar o método de elaboração do Livro de Leitura para Adultos, no Conselho de Direção, Paulo Freire se empolgou pelo problema. Ninguém melhor do que ele, ex-professor de português, para entender o mistério, a magia e a força da palavra. "No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus" (João, I, 1). Palavra sagrada: "Pela vossa Palavra criastes o universo". Palavra que leva o mundo todo para a nossa consciência. Palavra que põe a nossa consciência interferindo no mundo todo. Sem palavras não nos apercebemos da realidade do mundo: do passado, do presente, do futuro. Sem palavras não podemos agir sobre o mundo: sobre o passado, sobre o presente, sobre o futuro. Por isso, a palavração não é só o método de aprender a ler, palavra por palavra. A palavração tem uma grandeza congênita. Envolve, necessariamente, a ação. Não só de decompor os fonemas da palavra e formar novas palavras. Nem tampouco apenas de identificar, no seu todo, o vocábulo.

Mas a ação de Projetar a palavra no mundo. E de avaliar seus possíveis significados. E de descobrir aonde está o seu poder de transformar o mundo.

Aquele instante, no Conselho de Direção, teve uma repercussão imensa. O MCP partia para a educação de adultos. Enfrentava o desafio da alfabetização. Avaliava a importância da mobilização dos maiores de 18 anos. Sentia o bem, que se poderia fazer, libertando tantos jovens e tantas pessoas da ignorância e do obscurantismo. Discutia e valorizava, como nunca, uma das teses de Feuerbach. de Karl Marx: "os filósofos até hoje procuraram explicar o mundo. Mas o problema

é transformá-lo". Foi numa dessas reuniões, no Arraial do Bom Jesus, que Paulo Freire nos comunicou já estar pensando na alfabetização de adultos, mas sem cartilha. Encorajei o empreendimento com as palavras de Mao Tsé-tung: "É preciso deixar florir mil flores". Aliás, todos no Conselho acreditavam no MCP, como laboratório de novos métodos e novas técnicas de ensino.

O MÉTODO PAULO FREIRE NASCEU NO MCP

José Mariano Carneiro da Cunha foi um dos líderes da campanha da abolição da escravatura. De Casa Forte, do Poço da Panela, ele assegurava a fuga dos escravos pelo rio Capibaribe. Na sua casa, o MCP fundou o Centro de Cultura Dona Olegarinha, em cujo "círculo de cultura" nasceu o método Paulo Freire. Por isso, Moacir Gadotti, na grande obra coletiva "Paulo Freire, uma bibliografia", diz textualmente: "O método de alfabetização de Paulo Freire nasceu no interior do MCP – Movimento de Cultura Popular – do Recife que, no início da década de 60, criara os chamados círculos de cultura. Segundo o próprio Paulo Freire, os círculos de cultura não tinham uma programação feita a priori. A programação vinha de uma consulta aos grupos que estabeleciam os temas a serem debatidos. Cabia aos educadores tratar a temática que o grupo propunha. Mas era possível acrescentar à sugestão deles o que, na 'Pedagogia do oprimido'. Paulo Freire chamava temas de dobradiça, assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para melhor esclarecer ou iluminar a temática sugerida pelo grupo popular." Gadotti acrescenta: "os resultados obtidos nesse trabalho com grupos populares no MCP levaram Paulo Freire a propor a mesma metodologia para a alfabetização. Se é possível fazer isso, alcançar esse nível de discussão com grupos populares, independentemente de eles serem ou não alfabetizados, por que não fazer o mesmo numa experiência de alfabetização? Perguntava-se Paulo Freire. Por que não engajar criticamente os alfabetizandos na montagem de seu sistema de sinais gráficos enquanto sujeitos dessa montagem e não enquanto objetos dela?"

Moacir Gadotti noutra obra, "Convite à leitura de Paulo Freire", mostra como ele trabalhava nos Círculos de Cultura, nos programas de alfabetização:

1º Pesquisa das "palavras geradoras" e dos "temas geradores", isto é, do miolo do método.

- O alfabetizador saía a campo com caderno ou gravador, atento a tudo que via e ouvia.
- Objetivo: listar as palavras mais usadas. Tudo devia ser explorado: palavras, frases, ditos, provérbios, modos de falar, de compor versos, de contar o mundo, tudo, enfim, que revelasse a realidade vivida pelos analfabetos.
- A escolha das palavras geradoras decorria de sua relevância social para o grupo e o fato de apresentar todos os fonemas da língua portuguesa.
- Essas palavras deviam "codificar", isto é, representar o modo de vida dos alfabetizandos.

2º Decodificação das "palavras geradoras", a cada palavra associando-se um núcleo de questões:

- Questões políticas ou ligadas aos determinantes das condições de vida;
- Exemplo, para a palavra geradora "governo" podiam ser discutidos os temas geradores "poder político", "papel do povo", "participação popular";
- Questões existenciais ou ligadas à vida;
- Esse contexto figurativo dá sustentação psicológica à palavra geradora na mente do analfabeto. E a palavra geradora funciona como "chave".

3º A coordenação do círculo de cultura ou da alfabetização deve ser agente promotora de discussão e observadora atenta às dificuldades de expressão do grupo.

- Fazer com que todos participem, estimulando-os com perguntas;
- A palavra geradora deve estar escrita de modo destacado e visível;
- Tentar fazer prolongar o debate sobre a palavra geradora;
- Utilizar vários recursos didáticos: quadro-negro, vídeo-cassete, projetor de slides.
- Levar o grupo a discutir a situação, o porque dessa situação, o que fazer para sair dela.

Esse método, continua Gadotti, na verdade método de formação da consciência crítica passa por três etapas distintas:

1. Etapa de investigação

De descoberta do universo vocabular, das palavras geradoras e dos temas geradores relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizandos.

2. Etapa de tematização

Nesta etapa, são codificados e decodificados os temas levantados na fase de tomada de consciência, contextualizando-os e substituindo a primeira visão mágica por uma visão crítica e social.

- Descobrem-se novos temas geradores, relacionados com os que foram inicialmente levantados.
- É nesta fase que são elaboradas as fichas para a decomposição das famílias fonéticas, dando subsídios para a leitura e a escrita.

3. Etapa de problematização

Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizado. Sem perder nunca de vista que o objetivo final do método é a conscientização.

- Descobrem-se os limites e as possibilidades das situações existenciais concretas captadas na primeira etapa.
- Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando a superação de situações-limite, isto é, de obstáculos à hominização.
- A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação. Saber ler e escrever torna-se instrumento de luta, atividade social e política.

- A educação para a libertação deve desembocar na "praxis transformadora", ato do educando, como sujeito, organizado coletivamente.

MENINOS DO RECIFE

Silvio Romero, na "História da literatura brasileira", registra os versos de Tobias Barreto dedicados ao Recife, quando ele chegava, por mar, pela primeira vez:

É a cidade valente
Brio da altiva nação
Soberba, ilustre, candente,
Como uma imensa explosão

Em 1962, eu estava em São Paulo com Massao Ohno, para editar o Álbum de Abelardo da Hora, "Meninos do Recife", inaugurando a Coleção de Cultura Popular, e mostrando ao país o lado triste da "cidade valente", como um protesto do MCP "contra a miséria, a doença, o desemprego e a fome".

Abelardo, um dos fundadores do MCP, na visão de Mário Barata, é aquele "homem de fogo, resistindo como o sertanejo mais forte às inclemências da vida e do meio". E, sem dúvida, "das maiores expressões da verdadeira autenticidade de um homem de cultura no Nordeste do Brasil." E o "grande escultor e desenhista do Recife, um produto da terra e um assombro de fidelidade a si próprio e ao seu povo".

Abelardo conta, como ninguém, quem são os Meninos do Recife:

São habitantes anônimos
dessa cidade alagada, de
limo e pedra formada
sob marés,
Submersa.

Em lodo e lama inconsistente,
Consubstanciada.

Vasto poço de afogados
Habitação de mitos e fantasmas.
Imenso pasto de peste.
Cidade desabrigada.
Habitantes desse pântano,
sem escrituras, sem títulos,
submetidos ao ócio
que gera fome e o vício
e um calendário implacável
de misérias e imprevistos.

São apenas habitantes

dessa cidade alagada.
Atirados sobre a lama
Sob marés da desgraça

No Álbum de Abelardo da Hora, lançado ainda em 1962, na Galeria de Artes do Recife, à beira do Capibaribe, há um texto meu, que reflete a amplitude atingida pelo MCP, em apenas dois anos de existência:

"O Movimento de Cultura Popular nasceu no Recife. Na cidade proletária. Nos mocambos dos morros, mangues e alagados. No Recife da insurreição pernambucana. Do nativismo. Da abolição. Das revoluções libertárias.

Foi criado para a emancipação do povo, através da educação e da cultura. Como órgão de caráter técnico. Rigorosamente apolítico.

Unindo intelectuais, estudantes e populares. Órgão amplo, pluralista, segundo o modelo da UNESCO, porquanto não discrimina filosofia, credo ou convicção ideológica.

Do Nordeste, das terras históricas do Arraial do Bom Jesus – em cuja elevação se situa a sua sede – guarda o MCP o espírito de luta. De autodeterminação. De fidelidade às tradições culturais do país. De responsabilidade quanto à sua independência definitiva.

Ideais que o MCP procura atingir educando não só a criança.

Mas o adolescente. E também o adulto. Educando, através das escolas comuns. De processos informais, nas praças públicas e em plena rua.

Educando pelo rádio. Pelo cinema. Pela televisão. Pela imprensa. Explorando novos métodos e técnicas de educação. Experimentando.

Adaptando. Criando.

Para deflagrar, na comunidade, a paixão do saber, o MCP tudo mobiliza. O diversificado e denso folclore do Nordeste. As artes plásticas e o artesanato. O teatro. A música, o canto, a dança. A literatura. A ciência. A pesquisa. Os esportes. Atividades sem conta, que se institucionalizam em escolas, bibliotecas, conjuntos teatrais, centros de cultura, círculos de leitura, museus, galerias de arte, centros artesanais, praças da cultura, cine-clubes, discotecas, tele-clubes, festas populares, semanas de estudos e festivais.

Nesse espírito, inicia o MCP o seu plano editorial. Inaugura a Coleção de Cultura Popular. Aberta a todos os problemas da educação, da ciência e da cultura. À contribuição brasileira. Às experiências internacionais.

Inicia com o trabalho de Abelardo da Hora, diretor da Divisão de Artes Plásticas e Artesanatos do MCP e membro do Conselho de Direção. Meninos do Recife constitui um protesto do Movimento de Cultura Popular contra a miséria, a doença, o desemprego e a fome."

GERMANO COELHO
Presidente do MCP

EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O Prefeito Miguel Arraes, em "Meninos do Recife", lembra que eles têm sempre "a marca da pobreza e do abandono". Que todos "precisam de calor humano". Que os do Recife "são como os do Agreste e Sertão: uns têm os pés sujos de lama dos alagados, outros estão cobertos de pó das terras ressequidas"

Anita Paes Barreto, no "Memorial do MCP", assinala que era nosso "objetivo geral a elevação do nível cultural do povo", que se assegurava "tanto quanto possível, a qualidade do ensino e o respeito à conscientização, pedra fundamental de todas as iniciativas do MCP". Que havia, no Movimento, "um sentimento incisivo da necessidade de libertação social do homem do povo". Que essa libertação viria "por um processo de conscientização vinculado à alfabetização e aos meios informais de educação". Que a meta era tornar o homem do povo "capaz de lutar por um nível melhor de vida, libertando-se o mais depressa possível, de uma estrutura de vida infrahumana".

Anita registra, por outro lado, que a primeira reunião com o Prefeito Miguel Arraes, nos inícios de 60, "contou, também, com a participação de um grupo de representantes das mais variadas organizações populares". Que os clubes recreativos, as sociedades beneficentes, os salões paroquiais, os templos protestantes, os centros espíritas, os clubes desportivos das camadas populares abriram espaço para a implantação de escolas do MCP. Que o apoio do Prefeito foi decisivo para o crescimento da rede escolar. Que todo o mobiliário das escolas "foi construído nas próprias oficinas da Prefeitura. E, por fim, que uma subvenção financeira foi concedida para a remuneração dos professores e manutenção dos serviços indispensáveis à escola".

Quando a população escolar cresceu, dirigi-me ao Congresso Nacional, em Brasília, e pedi, formalmente, apoio financeiro para o MCP. O senador de Pernambuco Nilo Coelho me recebeu como admirador da instituição, e viabilizou o montante para a construção dos primeiros cinco Grupos Escolares do Movimento. Assim foram construídos logo os de Vasco da Gama, Torrões e Peixinhos.

O fato é que, conclui Anita, "já em fins de 1962, o MCP contava com cerca de 20.000 alunos divididos em pouco mais de 600 turmas, distribuídas entre 200 escolas isoladas e grupos escolares". E acrescenta: "Pode-se então dizer que o MCP levou a Prefeitura do Recife a criar, oficialmente, o ensino municipal, sob a direção de uma Secretaria de Educação".

O MCP NA UNE

A repercussão do MCP aqui e no estrangeiro era grande. O prestígio alcançado trouxe ao Recife, primeiramente Joffre Dumazedier, do Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS, e depois, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, que passaram dois dias conosco, na Rua da Hora 100, procurando saber de tudo a respeito do MCP. Em Paris, acompanhávamos sempre "Les temps modernes" e admirávamos o aluno brilhante da École Normal Supérieure, sobretudo como defensor da dignidade humana, proclamada tão enfaticamente em "Les chemins de la liberté" (1949, 3 vol).

No Brasil, fui convidado a falar sobre "A experiência do MCP como realidade e como possibilidade", no Rio Grande do Sul e em São Paulo. E grande foi meu espanto, quando entrei no auditório paulista e vi todo o mundo com um broche na camisa: MCP. Por fim, o Movimento foi chamado a apresentar-se, no Congresso Anual da UNE – União Nacional de Estudantes, no Rio de Janeiro. Lembro-me que o presidente era um estudante paulista, o atual Ministro da Saúde José Serra. Levamos uma grande exposição, com farto material fotográfico, cartazes dos festivais e de todos os eventos, as estampas do álbum Meninos do Recife e minuciosa documentação escrita, destinada a fazer passar adiante o experimento. Falei, na reunião plenária, sobre "O MCP como Universidade Popular". O Congresso da UNE aprovou então, uma resolução: levar o MCP a todo o Brasil. Surgiram, assim, os Centros Populares de Cultura – CPCs, em todos os Estados da federação.

MEIOS INFORMAIS DE EDUCAÇÃO

Michel Gordey falava fluentemente a língua russa. Viu, de perto, as escolas da União Soviética e explorou, especialmente, os parques à beira do rio Moskva, as praças, o balé Bolshoi, o teatro, o cinema, a música, o canto. Avaliou, através da análise da forma e do conteúdo de cada evento esquadrihado, o potencial educativo existente. Escreveu um grande livro "Visa pour Moscou". Foi esta obra, que nos despertou para o poder formativo desperdiçado, nos parques e praças do Recife.

Lembro-me, como se fosse hoje, na janela do Arquivo Público de Pernambuco, que dá para a Rua do Imperador, eu e Paulo Rosas discutindo o sonho dos parques de cultura da bela capital pernambucana. Ele denominava esse projeto Meios Informais de Educação. E aqui fica esse nome, como título de capítulo, em sua homenagem merecida.

O nosso primeiro Parque de Cultura teria que ser o Arraial do Bom Jesus. E o ato inicial do MCP: mudar o nome privatizado – Sítio da Trindade. Restaurar a denominação histórica, Arraial do Bom Jesus, glória de Pernambuco. E, logo em seguida, solicitar, oficialmente, ao Instituto Arqueológico e Geográfico, como fizemos, que fossem aflorados os alicerces da fortaleza, para memória e veneração dos brasileiros. E, por fim, dar conhecimento a todos, que esse forte foi levantado com o intuito de cortar a comunicação dos holandeses com o interior do país. Que foi construído por Matias de Albuquerque Coelho, filho do 3º Donatário,

Jorge de Albuquerque Coelho, neto de Duarte Coelho e Governador de Pernambuco, e também Governador Geral do Brasil. Que o retrato de tão ilustre general – como diz Pereira da Costa, nos "Anais pernambucanos" – se encontra em Florença, na Itália, na Galleria degli Uffizi, em grande tela, tendo no alto o título de Conde de Alegrete.

Neste Parque de Cultura, o MCP construiu, no sopé da elevação, um anfiteatro ao ar livre, o Teatro do Arraial Velho, onde foram encenadas tantas peças, pelo Conjunto Teatral do MCP sob a direção competente de Luiz Mendonça: "Chapeuzinho Vermelho", de Paulo Magalhães; "Um menino nos foi dado", de Dom Marcos Barbosa; "A derradeira ceia", de Luiz Marinho; e "Volta do camaleão alface", de Maria Clara Machado. Na Casa-sede, foi instalada a Biblioteca do MCP, com enciclopédias, dicionários, histórias da civilização e do Brasil, uma coleção brasileira muito completa e numerosas obras sobre cultura, educação e especialmente cultura popular.

O MCP não era apenas luta. Era também uma festa. Uma vez, no ano, havia nessa Praça de Cultura uma semana luminosa: era "São João no Arraial" de Sant'Antônio, passando por São João até São Pedro. A mata do Arraial, com jaqueiras e mangueiras frondosas, ficava toda iluminada, com fogos, fogueiras, balões e estrelas multicores. Pequenas barracas, decoradas com bandeirolas juninas, salpicavam as trilhas do bosque, servindo comidas típicas do Nordeste: tapioca molhada, milho assado, pé-de-moleque, bolo de milho, pamonha e canjica. Em cada clareira da mata, embaixo das cajazeiras e dos ipês, havia um conjunto joanino se apresentando: quadrilha, côco-deroda, ciranda, bumba-meu-boi, bacamarteiros de Caruaru, forró. Nos caminhos da floresta, desfilando, as "bandeiras-de-São João": o estandarte à frente e a procissão cantando em louvor do santo. Lá, num recanto, violeiros do Nordeste e repentistas, cantando, em desafio, sextilhas, martelos, quadrões, gemedelas e galopes-a-beira mar:

- Eu sou Tucunaré,
besouro do Piauí.
Carrego ferrão nas costas,
só ferro prá ver cair.

- Você não é Tucunaré,
nem é besouro do Piauí,
nem carrega ferrão nas
costas, nem ferra prá ver cair.

Você é um "fofa-bosta",
besouro mesmo daqui.

Assim, vi o Parque de Cultura do Arraial do Bom Jesus luminoso e transfigurado, na I Festa de São João da Cidade do Recife, promovida pelo MCP, em 1963. Lembro-me, que encontrei, encantados com a festa mágica, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. E, na hora, Câmara Cascudo foi logo me dizendo: é pena que meu "Dicionário do folclore" já esteja saindo, porque eu nunca tinha visto uma Bandeira-de-São João. E, naquela festa, havíamos apresentado dez

bandeiras, mobilizadas, sobretudo, nos altos de Casa Amarela, na mesma linha do que vi, tempos depois, no norte do Porto, em Portugal, de onde nos veio essa tradição.

Na Comunicação de Paulo Rosas à SBPC, em 1980, ele registra, até setembro de 1962, cinco Praças de Cultura implantadas, levando à população local, biblioteca, teatro, cinema, tele-clubes, música, orientação pedagógica, jogos infantis e educação física: Casa Amarela, Iputinga, Várzea, Beberibe e Torre.

Lembro-me bem que os tele-clubes tinham um problema peculiar: o teor e a qualidade dos programas veiculados. Na formação dos monitores, no MCP, eles aprendiam a encarar as emissões, como tese; a contrapor, na hora, a antítese; e, no debate com o público, despertando em cada um a consciência crítica, a construir a síntese.

ESCOLA RADIOFÔNICA

A Escola Radiofônica foi um instrumento da expansão do MCP em Pernambuco. Foi um sinal forte da vitalidade do Movimento. Era constituída por uma Equipe Central (Norma Porto Carreiro, Josina Godoy e Giselda Fonseca), Monitores (universitários formados pelo MCP, atuando em cada sala de aula) e Alunos (jovens e adultos em processo de alfabetização ou de aperfeiçoamento).

Três tipos de programas animavam a Escola Radiofônica:

1º A Escolinha de Formação de Monitores e Supervisores, que trabalhava com o Livro de Leitura para Adultos e o Guia do Alfabetizador. A Escolinha aprofundava o processo da aprendizagem. Dava a orientação metodológica das diversas fases da alfabetização. Preparava o alfabetizador e o supervisor, dando-lhes a consciência de seus papéis na Escola Radiofônica.

Na verdade, a Escolinha de Monitores constituía um autêntico movimento de jovens universitários, comprometidos com a construção do povo brasileiro. O problema não era só alfabetizar, mas ampliar os conhecimentos dos já alfabetizados. Com esse objetivo, a Escolinha preparava também o Monitor para o Programa de Aperfeiçoamento pelo Rádio.

2º O Programa de Alfabetização, com base no Livro de Leitura para Adultos, em 77 lições. As aulas eram transmitidas pela Rádio Continental e Rádio Clube de Pernambuco, diariamente, exceto aos domingos, de 20h:50 às 21h:40. Aos sábados os programas eram recreativos.

3º O Programa de Aperfeiçoamento pelo Rádio, abordando educação de base, conhecimentos de história, língua portuguesa e realidade brasileira – "sempre sem perder de vista a idéia básica de conscientização", como observa Paulo Rosas em sua Comunicação à SBPC.

Em fins de 1962, só a Escola Radiofônica contava, em toda a Região Metropolitana do Recife, cerca de 30 mil alunos. O Livro de Leitura para Adultos, já na 2ª edição, trazia agora uma recomendação preciosa do grande educador Anísio Teixeira:

"Confesso haver lido essa cartilha com inesperado entusiasmo.

As privações, as esperanças e os direitos do brasileiro tecem e entrelaçam aquelas frases lineares e singelas, e fazem do aprender a ler uma introdução à liberdade e ao orgulho de viver.

Por tudo isto é que considero essa cartilha a melhor cartilha para adultos que, até agora, conheci no Brasil."

Nesse tempo, fui chamado ao Quartel do IV Exército, como presidente do MCP, para uma conversa sobre o Livro de Leitura para Adultos. Não fui recebido por um capitão ou um major, mas pelo próprio General-Comandante do IV Exército. Ele tinha em mãos um exemplar do Livro de Leitura:

- *Por que tanta foto de mangue, alagado e mocambo?*
- *Porque é lá, General, que vivem os analfabetos.*
- *Por que tantos textos falando em mangue, em alagado, em mocambo?*
- *Porque essas palavras, General, mangue-alagado-mocambo, eles não conhecem como palavras, mas conhecem muito bem como realidade, sendo portanto mais fácil agora aprendê-las como palavras.*
- *Por que essa foto de flagelado com crianças abandonadas?*
- *General, a resposta está no texto: "o flagelado é o camponês desamparado", analfabeto, que precisa de escola, que precisa aprender.*
- *Essas fotos de palafitas à beira do rio, não fazem da cartilha do MCP, um livro triste e pessimista?*
- *Não, general; veja a primeira foto do livro: um jangadeiro forte, rindo. Ele tem trabalho, pesca à vontade, porque o mar não tem dono.*
- *Por que "a escola do MCP é do povo"?*
- *Por que a escola do MCP é como o mar, não tem dono; lá não se cobra nada; e o povo pode ir à aula mesmo como vive, com roupas rasgadas e pés descalços.*

No fim do encontro, educadamente, o General me levou até a porta:

- *Convenhamos o livro não é subversivo, mas chegou no limite. Parou, um pouco, e acrescentou: Não é subversivo mas pode ser usado subversivamente.*
- *General, quanto ao uso, eu respondo pessoalmente. Todas as 77 lições, emitidas pelo rádio, podem ser gravadas pelo IV Exército.*

Quando contei este episódio ao Prefeito do Recife, ele deu uma boa gargalhada, e disse:

Como vocês acertaram "no limite"?

A QUESTÃO COMUNISTA

Na peça de teatro de Hermilo Borba Filho, "A bomba da paz", eu havia sido caricaturado, como um líder da união de católicos e comunistas. No IV Exército, defendi o Livro de Leitura para Adultos, como obra não subversiva, inclusive com as duas últimas lições escritas por mim. Em Paris, freqüentei "Espirit" e levantei

toda a evolução do pensamento de Emmanuel Mounier, adquirindo inclusive as obras importantes publicadas.

Conhecia, por outro lado, o movimento "Jeunesse de l'Église" e o pensamento avançado do dominicano Père Montclard. Fomos diversas vezes, eu e Norma à casa de Desroches, conversar sobre "Signification du marxisme", vibrando porque a Sorbonne lhe havia dado uma cátedra: "Coopération". Sempre, no "Quartier Latin", visitava, também a editora comunista "Éditions Sociales", onde consegui muita coisa sobre o marxismo.

Um dia, numa estação da Rádio Olinda, que existia, na Ladeira de São Francisco, bem perto da Casa-Mãe da Ordem Franciscana, no Brasil, de 1585, sou apresentado por Iran Pereira a Luiz Carlos Prestes. Iran começa com um elogio: Germano sozinho vale por uma equipe inteira. E fala de meu trabalho à frente do MCP. E da deferência com que trato Davi Capistrano, Gregório Bezerra, Abelardo da Hora e Aluizio Falcão. Prestes toma a palavra, dizendo que conhecia muito bem o meu trabalho, e por isso queria me convidar para entrar no Partido Comunista do Brasil – PCB. Havíamos lido "O cavaleiro da esperança", de Jorge Amado, e especialmente "Subterrâneos da liberdade". Conhecia, de perto, a coragem e a capacidade de trabalho dos comunistas. Por isso, respondi a Prestes: Agradeço, antes de tudo, a honra do convite. Mas, não posso aceitar por três razões, que me são muito caras. Primeiramente, creio em Deus, não sou, nem posso ser materialista.

Depois, acredito na liberdade, na convivência de ideologias distintas, na Democracia. Por fim, defendendo um sistema político pluripartidário, não penso que a solução seja o partido único.

Tudo isto, nos levou a abrir o problema da colaboração de católicos e comunistas no MCP, diretamente no Arcebispado da Arquidiocese de Olinda e Recife, como recomendava a Igreja. Naquele tempo, o Papa João XXIII havia anunciado, desde 1959, o Concílio Vaticano II. As Encíclicas Mater et Magistra (1961) e Pacem in Terris (1963) estavam renovando o pensamento católico. O Arcebispo de Olinda e Recife era da família de papai, Dom Carlos Coelho. Amigo nosso, culto, assinante de Esprit, leitor de Maritain, ex-Secretário de Educação e Cultura do Governo da Paraíba e ex-Diretor do jornal "A Imprensa", de João Pessoa, Dom Carlos colheu os dados do problema e pediu uma semana para rezar e pensar. No dia marcado lá estávamos todos nós, os dirigentes católicos do MCP; Paulo Freire, Anita Paes Barreto, Padre Jaime Diniz, Geraldo Vieira, Ângela Maria Coelho Vieira, Silvio Loreto, Liana Coelho Loreto, Paulo Rosas, Norma e eu. Dom Carlos tomou a palavra e disse:

- Pensei e meditei sobre o problema. E rezei muito: Vocês podem cooperar com os comunistas.

Anita Paes Barreto disse, incontinenti: "Podem" é muito pouco. Dom Carlos, para a responsabilidade que estamos assumindo.

- Dom Carlos, seguro e incisivo: Podem e devem.

FESTA DE NATAL

No 25 de dezembro de 1962, o MCP se sentia tão forte, que competiu com ele esmo, promovendo, simultaneamente, no mesmo dia e na mesma hora, duas

festas de natal: uma, no Arraial do Bom Jesus, e a outra, no centro do Recife. No Arraial, foram obilizados os conjuntos folclóricos natalinos: reisados, pastoris e fandangos. No centro da idade, foi realizada, com toda a pompa, a festa religiosa do Natal. Na Guararapes, em nada poste no meio da avenida, havia um anjo gigante, luminoso, resplandecente. colorido, verdadeira obra de arte de Abelardo da Hora. Todos os prédios, de todas as ruas vizinhas, apagaram todas as luzes. A procissão dos paramentos foi entrando, junto aos anjos, carregando o altar, uma mesa rústica de três metros, levando nos ombros de muitos jovens uma cruz imensa de madeira ainda verde de um tronco tosco cortado há pouco, na mata, e os paramentos para a celebração litúrgica. E em volta do cortejo religioso, de um lado e do outro, dezenas e dezenas de tochas de bambus acesas. carregadas pela juventude do MCP.

Quando a procissão dos paramentos foi entrando, na avenida Dantas Barreto, onde seria celebrada a Missa de Natal, o Coral São Pedro Mártir, de Olinda, já tinha cantado músicas belíssimas e o Conjunto Teatral do MCP havia acabado de apresentar "Um auto de Natal", do beneditino Dom Marcos Barbosa. Nesse instante, todos os sinos das igrejas próximas, começaram a respicar. Sinos de Santo Antônio, sinos de São Francisco, sinos de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, da Conceição dos Militares, sinos da Madre de Deus. De repente, na fachada do Edifício JK, de cima a baixo, nos seus 18 andares, se acende uma cruz imensa, por trás de onde ficaria o altar. E um espetáculo pirotécnico ilumina os céus, refletindo-se nas águas mansas do rio Capibaribe. O Arcebispo inicia a Missa emocionado e prega com energia profética sobre "o Evangelho e a Justiça".

Nos dias que se seguiram à I Festa de Natal da Cidade do Recife, Nilo Pereira, meu professor no Colégio Nóbrega dos jesuítas, ex-Secretário de Estado e ex-Deputado e grande líder católico escreve, em suas Notas Avulsas, no Jornal do Comércio: "Estranho esquerdismo esse de Miguel Arraes. Promove a Festa de Natal mais comovente, que já assisti". Na verdade, muita coisa havia ocorrido, nos bastidores daquele empreendimento. Num dado momento, Abelardo da Hora, que inventou aqueles anjos belíssimos, havia me dito: Veja só, estamos cortando, na mata, as tochas de bambu e a cruz, e preparando uma decoração bonita, com tanto trabalho, e na hora da festa, o Arcebispo vai nos atacar em praça pública. Conte isto a Dom Carlos, que me disse: Diga a eles que vão assistir a Missa, pois vou falar apenas sobre "o Evangelho e a Justiça". Os comunistas foram. Carregaram o altar e a cruz. No Auto de Natal, Maria e José eram ambos da juventude comunista. E quando chegou a Procissão dos Paramentos, eu me lembro bem, Abelardo da Hora pegou sua tocha de bambu acesa, colocou sobre o altar, e disse pra mim: é a nossa presença na Missa de Natal.

O FURACÃO MOURY FERNANDES

Fins de 62. Miguel Arraes deixa a Prefeitura, como candidato ao Governo do Estado.

O usineiro João Cleofas, ex-Ministro da Agricultura, disputa o mesmo cargo, com o apoio do Governador Cid Sampaio e, praticamente, de toda a indústria

pernambucana. Moury Fernandes assume, interinamente, a Prefeitura do Recife, encaminhando projeto de lei à Câmara para extinguir o MCP. João Cleofas dá entrevista à imprensa, dizendo que as escolas do MCP não existiam; eram pura invenção, tinham virado fumaça. Convoquei imediatamente, o Conselho de Direção. Por unanimidade, com a participação indignada de Paulo Freire e Anita Paes Barreto, foi aprovada uma nota, estranhando a mentira, e a publicação, em duas páginas de jornal, dos nomes das escolas do MCP e de todos os endereços, com um convite ao povo para que visitasse o educandário e comprovasse, pessoalmente, a mentira do candidato. A resposta do MCP foi uma verdadeira bomba, na candidatura do Governo. O clima exacerbou-se. Na Câmara do Recife, o vereador Vandenkok Wanderley dizia abertamente: Dr. Germano Coelho, é ele levantando o braço e eu passando bala. No dia da votação, fomos à Câmara todos os dirigentes do MCP, e derrotamos o projeto de lei. Saímos, em passeata, até a esquina da Sertã, e falamos comemorando a vitória. O poeta popular João José da Silva, em oportuno folheto de cordel intitulado "Movimento de Cultura Popular: A voz do alfabetismo", havia advertido:

Lembro ao prefeito interino
que seu projeto oriundo
contra este movimento
será um golpe profundo
e causará a revolta
nas quatro partes do mundo.

A DEFESA DO MCP

Preparamos um Manifesto à Nação. As forças do obscurantismo querem acabar um experimento novo no Nordeste. Querem fechar salas de aula, dispensar professores, dispersar alunos. Têm medo da educação do povo. Querem esmagar o embrião de uma Universidade Popular. O Ministro da Educação Darcy Ribeiro assinou o manifesto em defesa do MCP.

Assinaram, também, o grande educador Anísio Teixeira, o Provincial dos Dominicanos no Brasil, Frei Mateus O.P., Abgar Renault, da Academia Brasileira de Letras, e muitas outras personalidades ilustres.

Em Brasília, o Ministro Darcy Ribeiro nos fez uma surpresa. Disse para sua secretária, na minha presença: Convoque todos os Reitores das Universidades do Nordeste para uma reunião, no dia mesmo de meu aniversário, no salão nobre da Faculdade de Direito do Recife. E, virando-se para mim: Quero todos os dirigentes do MCP lá. E, no dia programado, começou seu discurso assim: Magníficos Reitores das Universidades do Nordeste, Senhor Presidente e Senhores Diretores do Movimento de Cultura Popular. Talvez possa parecer estranho essa reunião conjunta.

Mas, o MCP é uma espécie de Universidade Popular, que integra o povo no seu trabalho, como sonhamos que ocorra com todas as Universidades brasileiras.

Então, pensei: para sustentar essa luta, chegou a hora de um Hino. Havia visto, nas paredes da Casa da Cultura, no Recife, um poema de Audálio Alves:

Frei Caneca do Amor Divino. Havia, também, lido um grande livro seu: "Princípio áspero de uma canção sem terra". Descobri: o poeta é ele. Passamos, em seguida, toda uma tarde até à noite, contando a ele a saga do MCP. Depois, repeti essa mesma história para o Maestro Nelson Ferreira, que fez a música. O Hino do MCP, letra e música, testemunha essa fase heróica.

O HINO

Onde homens houver que não saibam
o que a todos se deve ensinar,
um punhado de luz levaremos
porque a Pátria nos manda levar.
Luta vã não será nossa luta,
oh! humildes obreiros da paz,
pois, se infância de luz não tivestes,
mesmo tarde uma infância se faz.

Coro Desde os cerros longínquos ao mangue,
vede um povo aprendendo, de pé,
uma língua de heróis, esta língua com seus
cantos de luta e de fé.

Este canto é de quantos desejam
uma Pátria celeiro de luz.
Uma terra sem campos de fome,
mas, de fortes à sombra da cruz.
É um grito de fé aos que dormem,
esquecidos de um povo que sua
ao encontro de pão, que não acha,
e à procura de um lar pelas ruas.

Coro Desde os cerros longínquos ao mangue,
etc ...

Mas, se um dia, as falanges do mal
contra nós suas armas mover,
por maior que se faça em perfídia
não nos pode um covarde vencer.
Somos raios na luta e na paz,
- homens de aço de luzes na mão - ,
ao marchar a cultura levamos,
popular e sublime à Nação.

Coro Desde os cerros longínquos ao mangue,
etc ...

Canto

Arr. Dierson Torres

Poesia: Audálio Alves

Moderato ♩ = 96

Nelson Ferreira

Ou - de ho - mens hou - ver que não
 can - to e de quan - tos de -
 di - as fa - lam - pes - do

sai - tam o que a to - dos se de - ve en - si - nar. um pu - nha - do de luz le - va -
 se - jam um - a Pa - tra ce - lei - ro de luz. Um - a ter - ra sem cam - pus de
 mal con - tra nos su - as ar - mas mo - ver. por ma - or que se fá - ça em per -

re - mos por - que a Pa - tra nos man - da le - var. Lu - ta vá não se - ra nos - sa
 lo - me, mas de for - tes a som - bra da cruz. 1. um gri - to de lê - aos que
 fi - dia não nos po - de um co - var - de ven - cer. So - mus rai - os na lu - ta e na

lu - ta, oh! ha - mil - des ó - brei - ras da paz. pois se in - fân - cia de luz não ti -
 dor - mem. es - que - ei - dos de um po - vo que su - a ao en - con - tro de péis que não
 paz. ho - mens de a - ço de lu - zes na mão. ao mar - char a vul - tu - ra le -

ves - jes. mes - mo tar - de um - a in - fân - cia se faz. Des - de os cer - ros lon - gín - quos ao
 a - ba. e é pro - cu - ra de um lar pe - las ru - as.
 va - mos. po - pu - lar e su - bli - me. 3. Na - ção

man - que. vé - de um po - vo a - pren - den - do, de pé. um - a lin - gua de he - róis, es - ta

lin - gua com seus can - tos de lu - ta e de fé.

2) Es - te
 3) Mas, se, um
 © 2001, Dierson Torres
 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

DO MCP PARA O GOVERNO DO ESTADO

Miguel Arraes havia vencido a eleição para o Governo de Pernambuco. No dia seguinte ao anúncio da vitória pelo Tribunal Regional Eleitoral, ele e Madalena estiveram, na Rua da Hora 100, para agradecer o apoio do MCP. Eles achavam, que o Movimento havia criado uma aura de integridade e invencibilidade, em torno da candidatura. Logo em seguida, o Governador eleito anunciou à imprensa, que o Secretário de Educação e Cultura seria um dos três nomes: Germano Coelho, Anita Paes Barreto e Paulo Freire. Viajamos, imediatamente, eu e Norma, para o Chile, a fim de fazer, em Santiago, na CEPAL, um estágio sobre as perspectivas de desenvolvimento da América Latina. De volta, fui nomeado Secretário de Educação e Cultura do Governo de Pernambuco. Os ânimos entre o governo derrotado e a oposição vitoriosa se acirraram tanto, durante a campanha, que nenhum Secretário de Estado foi passar o cargo, exceto o meu professor, Lourival Vilanova, de Educação e Cultura. Disse eu, no discurso de posse, como de fato sentia, que era para mim uma grande alegria, receber a Secretaria das mãos honradas do professor Lourival Vilanova. O funcionalismo desabou em aplausos. No dia seguinte, a primeira pessoa, que recebi foi o ex-Secretário, para me alertar sobre os maiores problemas do órgão: 2.500 professores excedentes, em constantes protestos de rua, e a quase impossibilidade de fazer-se concurso.

Abri, de imediato, o concurso para professores, em todo o território de Pernambuco. Obtive do Governador, assegurar, pela televisão, que todos os aprovados seriam nomeados. A fim de evitar mandados de segurança sustando as provas, comuniquei, pessoalmente, ao Poder Judiciário, que a lisura do concurso seria tanta, que nem o Secretário de Educação conheceria as questões sorteadas. Passaram 3.500 professores. Todos foram nomeados de uma só vez. Recebi os parabéns do Ministro da Educação, porque nunca, disse ele, em nenhuma unidade da Federação, tantos professores entraram assim no serviço público.

Apresentei ao Ministério da Educação e Cultura, ainda nesse ano de 1963, no espírito do MCP, o projeto de uma concepção nova de Secretaria de Educação e Cultura. Dizia, de início, que inúmeros fatores haviam desatualizado concepção, estrutura e práticas administrativas da SEC.

Citava alguns fatores, que evidenciavam o caráter inadequado, anárquico e obsoleto da engrenagem governamental: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; a planificação educacional já introduzida no Brasil; a criação dos conselhos de educação e de cultura; as novas concepções de educação e cultura, surgidas em pleno século XX, na década de 60, e o progresso das ciências administrativas. Propunha, então, entre muitas outras medidas integrantes desse projeto, em vez de uma SEC burocrática, a instalação do Centro de Educação Ciência e Cultura de Pernambuco, reunindo, numa mesma área, com as características de parque cívico, todos os órgãos integrantes da unidade existente. Neste Centro, funcionariam, mesmo nos dias feriados, teatro, cinema, televisão, música, canto, danças, esportes, museus, bibliotecas, etc, constituindo, assim, uma nova forma dinâmica e popular de Secretaria de Educação e Cultura. O Presidente do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco –

IPSEP, Fernando Coelho, meu irmão, cedeu o terreno gigante, hoje da CELPE, para viabilizar o empreendimento.

Este projeto, apresentado ao MEC para obtenção de recursos, foi julgado pelos técnicos do Ministério, excelente, muito criativo e promissor. Fui chamado, por isso, para uma conversa com o Ministro Paulo de Tarso. E, em seguida, indicado por Portaria Ministerial, publicada, também, na revista Documenta, do Conselho Federal de Educação, para apresentar, em nome do MEC, o plano de reforma do Ministério da Educação e Cultura ao Ministério da Reforma Administrativa, órgão criado para promover a revisão da estrutura de todo o Governo Federal.

Portaria N°263/1963 do Ministro da Educação e Cultura

"Designa o Prof. Germano Coelho, da Universidade do Recife e Secretário de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, para elaborar um anteprojeto de reforma de base do Ministério da Educação e Cultura, como contribuição deste Ministério ao Ministério da Reforma Administrativa."

(D.O.U., 9/8/1963, p. 7005, publicada em Documenta, N°17 - 18 / Ago - Set/ 1963 p.138)

FRENTE DE EDUCAÇÃO POPULAR

O Presidente da República João Goulart promoveu uma reunião de todo o Ministério, no Palácio do Governo de Pernambuco. Como Secretário de Educação e Cultura, fui convidado a participar do encontro. Em dado momento, o Presidente concedeu a palavra ao Governador do Estado, que lembrou o Movimento de Cultura Popular, a criatividade pernambucana, na área da alfabetização, e pediu à Presidência um apoio especial para a educação em Pernambuco. O Presidente teceu elogios aos educadores do Estado, e passou a palavra ao Ministro da Educação e Cultura. O Ministro Paulo de Tarso levantou-se e apresentou dois volumes verdes da Frente de Educação Popular, que eu tinha encaminhado ao Ministério para execução do Plano Trienal de Educação, e disse, voltando-se para o Governador: "Ajudar Pernambuco é fácil. Este plano da Secretaria de Educação e Cultura do Estado foi julgado, unanimemente, pelos técnicos do MEC, o melhor plano do país. O único, inclusive, que tem uma filosofia. Por esse motivo, vou levá-lo para o Congresso dos Ministros de Educação das Américas, em Bogotá, como modelo de planejamento educacional do Brasil". As palavras do Ministro Paulo de Tarso terminaram em palmas. E, o Ministério doou, de imediato, 10 Rurais Willis Overland à Frente de Educação Popular.

Sentido da Educação Popular

Um sistema de educação autenticamente pernambucano, dizia o plano, não pode deixar de ser hoje, senão um sistema de educação popular. Esta é a sua característica fundamental.

Corresponde ao problema educacional básico de Pernambuco: integrar, no processo educativo, as classes populares ainda não atingidas pela educação. Transformar, enfim, a educação, em um bem comum a todo o povo pernambucano.

- Assim, a expressão "educação popular", continuava o plano, se reveste de dois aspectos distintos: Aspecto quantitativo - Desse ponto de vista, um sistema de educação popular implica a educação de massas, a popularização da escola. Constitui a aplicação concreta do art. 26 da Declaração Universal dos Direitos do Homem, da Organização das Nações Unidas, que preceitua: "Toda pessoa tem direito à educação". Direito igualmente proclamado pela Constituição do Brasil, em vigor, no seu art. 166: "A educação é direito de todos".

Todavia, em Pernambuco, cresce incessantemente o número de analfabetos. Em 1900, entre os maiores de 15 anos, 72% eram analfabetos, ou seja 468.000 pessoas sobre um total de 649.000 habitantes. Em 1950, no mesmo grupo de idade, já contávamos 1.303.000 analfabetos sobre um total de 1.956.000 pessoas, isto é, 67% da população. Assim, em 50 anos logramos diminuir um pouco a percentagem de analfabeto. Mas, em números absolutos mais do que triplicou o analfabetismo em Pernambuco.

E continua crescendo 10 anos depois. Em 1960, sobre uma população global de 4.137.000 habitantes, Pernambuco já contava mais de dois milhões de analfabetos, dos quais cerca de 500.000 crianças de 7 a 14 anos. E, no entanto, a educação popular é imprescindível ao próprio funcionamento do regime democrático.

- Aspecto qualitativo – Desse ponto de vista, um sistema de educação popular se caracteriza pelo conteúdo da educação ministrada pela escola ou através de programas extra-escolares.

É popular a educação, porque vinculada ao trabalho, ao emprego, à profissionalização, ao processo produtivo. Porque destinada à massa da população, de acordo com uma pedagogia popular, criadora de novos métodos, técnicas, sistemas, processos e programas de educação, adequados à formação do homem comum. É popular, enfim, porque constitui para o trabalhador um instrumento de sua emancipação progressiva, através da educação sistemática e permanente, da profissionalização, da cultura, da formação sindical e cooperativista e da conscientização dos problemas de nossa época.

Significação da Frente de Educação Popular

A organização de uma ampla Frente para promover a educação popular, em Pernambuco, preenche quatro funções primordiais:

- Mobilização popular – As mudanças quantitativas e qualitativas que se devem operar, no sistema educacional do Estado, a fim de que ele se transforme, efetivamente, em instrumento de formação de mão-de-obra

qualificada em todos os níveis, e, portanto, num suporte dinâmico da política de desenvolvimento econômico e social de Pernambuco, exigem, antes de tudo, uma mobilização de todo o povo para o trabalho educativo.

Esta a significação fundamental da Frente de Educação Popular. Forma de convocação. De coordenação. De aglutinação. De execução. Fixa valores, modelos, signos e símbolos, que inspiram a conduta coletiva. Abre perspectivas. Projetos de destino. Cria, em torno da educação popular, uma mística, uma política, uma técnica.

- Execução dos planos de educação – As metas educacionais quantitativas e qualitativas fixadas pelo Plano Nacional de Educação, para serem atingidas até 1970, parcialmente incluídas no Plano Trienal de Educação do MEC, integrantes deste Programa de Ação para 1963 e que constarão do Plano Trienal de Educação de Pernambuco, que vigorará de 1964 a 1966, terão a Frente de Educação Popular, como instrumento de execução de todo o planejamento educacional, junto ao grande público.

Se o povo, condicionado pelos processos rotineiros de educação, não fizer dos planos uma obra sua, transformar-se-ão eles em documentos estáticos. Se os objetivos colimados não coincidirem com suas aspirações fundamentais e os meios adotados lhes forem estranhos, perderão os planos a característica de método de aceleração do ritmo de trabalho.

Porque planejamento é algo que pertence a toda a comunidade, é função ativa, dinâmica, em incessante estágio de criação.

- Coordenação dos setores público e privado - A educação popular não é tarefa apenas do setor público, constituído pelos estabelecimentos de ensino da União, do Estado e dos Municípios. Mas incumbe, também, à liberdade de iniciativa particular representada, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos próprios conselhos estaduais de educação.

A educação é direito de todos. Apenas, cabe ao liberdade de contribuir para a sua efetivação.

A educação popular é, assim, no sistema educacional brasileiro, obra de cooperação. De estreita colaboração dos dois setores: o público e o privado. Ambos atuando em diferentes ordens, autônomos, mas articulados.

À Frente de Educação Popular compete mais esta missão. Coordenar o setor público e o particular. Ajustá-los, na ação. Mobilizar e distribuir incentivos. Evitar toda forma de redundância e desperdício. Projetar, sempre que possível, a conjunção de esforços. Assegurar, enfim, a máxima produtividade do sistema. Poder Público a obrigação de assegurar este direito. E à iniciativa particular, a

O projeto da FEP, elaborado pessoalmente por mim, previa a alfabetização de adolescentes e adultos, através do Sistema Paulo Freire. Dizia, textualmente: O programa de alfabetização concebido pelo Plano Trienal de Educação envolve duas faixas distintas: os adolescentes, que se situam entre 14 anos, idade legal do trabalho e 18 anos, idade da responsabilidade cívica, e os adultos ou maiores de 18 anos.

O analfabetismo não é um fato isolado, autônomo. Mas uma das conseqüências do subdesenvolvimento. Assim, o plano de alfabetização de adolescentes e adultos deve ter em vista a habilitação de mão de obra, o desenvolvimento das comunidades, a mudança de estrutura econômica e social, a extensão cultural. Deve articular-se, harmoniosamente, com os planos de desenvolvimento econômico e social da CODEPE e da SUDENE. E constituir-se, assim, em um programa de alfabetização funcional de adolescentes e adultos, que ensine a leitura, a escrita e a aritmética, até a etapa da destreza em que tais recursos concorram efetivamente para o progresso do indivíduo e da comunidade. Deve, portanto, ampliar-se em programa de educação de base e de formação profissional. Do contrário, seria a dissipação de recursos humanos e financeiros. A produção de semi-alfabetizados ou analfabetos funcionais.

O analfabetismo regressivo.

Para a instalação de classes noturnas de alfabetização de adolescentes e adultos, a Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco abrirá todas as salas disponíveis da rede oficial do Estado. E, em colaboração com o Movimento de Cultura Popular e o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, aplicará o Sistema Paulo Freire.

EM DEFESA DA SOBERANIA NACIONAL

Foi numa reunião da SUDENE, presidida pelo Superintendente Celso Furtado, primeiro Ministro de Planejamento do Brasil. Era o mês de maio de 1963. O Governo do Estado havia constituído uma comissão para analisar os acordos celebrados, em Pernambuco, com a USAID/Brazil e emitir parecer. A equipe, formada por Germano Coelho (Presidente e relator), Augusto Wanderley Filho (Co-relator), Luiz Pandolfi, Salomão Kelner e Antônio Bezerra Baltar, concluíra o árduo trabalho, em três meses. O Governo, reunido com todo o Secretariado e o Vice-governador, aprovou, por unanimidade, a análise efetuada e o seguinte PARECER:

RECOMENDAÇÕES GERAIS

1ª - A CARTA DE PUNTA DEL ESTE assinada pelos representantes da quase totalidade das Repúblicas americanas, objetivando medidas de desenvolvimento econômico e social, e configurando ajuda técnica e financeira multinacional e mundial, constitui documento útil ao progresso da América Latina e, particularmente, do Nordeste Brasileiro. Essa Carta deve ser, por isso mesmo, efetivamente aplicada em toda a sua amplitude.

2ª - Para angariar ajuda externa técnica e financeira multinacional e mundial, após as experiências efetuadas através de medidas a curto prazo, em caráter bilateral e por intermédio da USAID, urge propugnar pela instituição de um órgão multinacional e mundial, na esfera da ONU, incumbido da execução, na América Latina, de amplo e adequado programa cooperativo, conforme preceitua a CARTA DE PUNTA DEL ESTE.

3ª - A ajuda externa multinacional e mundial deve revestir-se de todo o instrumental necessário à preservação da soberania nacional de cada país latino-americano, assegurando-se, assim, o princípio da não intervenção, a autodeterminação de cada povo e o livre desenvolvimento de seu processo histórico nacional.

4ª - A fim de preservar a soberania e a integridade do Brasil, de acordo com a Constituição Federal, cumpre aplicar em todas as suas conseqüências o princípio constitucional que confere à União competência exclusiva para manter relações com Estados estrangeiros e com eles celebrar tratados e convenções.

5ª - O Estado de Pernambuco, de acordo com o sistema constitucional brasileiro, não é pessoa de direito das gentes, mas, tão só, de direito público do Brasil, não podendo, por isso mesmo, firmar Acordos com Estados Nacionais, mas, tão somente, com a União, os órgãos do Governo federal e outros Estados-membros.

6ª - A estabilização dos preços de exportação dos produtos brasileiros é medida imprescindível ao nosso desenvolvimento econômico e prioritário sobre qualquer ajuda, uma vez que só no período de 1955 a 1961, a perda em poder aquisitivo das exportações brasileiras

atingiu quase 1,5 bilhões de dólares, enquanto que os desembolsos líquidos de ajuda dos Estados Unidos ao Brasil, no longo período de 1940 a 1962 atingia apenas 1 bilhão de dólares (Nota da Embaixada do Brasil em Washington).

7ª - Os recursos multinacionais e mundiais a serem mobilizados para o desenvolvimento do Nordeste deverão ser atribuídos ao órgão competente de acordo com a lei brasileira: a SUDENE, e distribuídos, segundo as necessidades regionais, de conformidade com as prioridades fixadas pelo seu Plano Diretor.

8ª - O Estado de Pernambuco, de acordo com a Constituição brasileira e as leis vigentes, a fim de acelerar o seu progresso econômico e social, só poderá firmar Acordos, dentro da estrutura da ALIANÇA PARA O PROGRESSO, com o órgão do Governo federal competente, a SUDENE, e desde que seja a ALIANÇA reformulada, enquanto esforço cooperativo multinacional e mundial, tal como preconiza a CARTA DE PUNT A DEL ESTE, ouvindo-se, ainda a COCAP, instituição incumbida de harmonizar dentro do Brasil, os diversos programas regionais, fazendo prevalecer sempre o interesse nacional.

9ª - O Estado de Pernambuco deve denunciar, também, às autoridades federais competentes e ao povo brasileiro o tratamento discriminatório a que vem sendo submetido o Nordeste, nos programas da USAID/Brazil. Quando se comparam os créditos deferidos a todo o Nordeste (25 milhões de habitantes e 13 milhões de dólares) e a Guanabara (4 milhões de habitantes e 71 milhões de dólares), constata-se essa discriminação. Se a ajuda externa deve ser dirigida para as áreas economicamente atrasadas, e isto não ocorre no Brasil, é porque os critérios políticos estão se sobrepondo até ao único Acordo firmado entre o

Governo brasileiro e o Governo norte-americano, após a assinatura da CARTA DE PUNTA DELESTE, denominado Acordo do Nordeste e destinado a promover o seu desenvolvimento econômico e social.

10ª - O Estado de Pernambuco deve alertar as autoridades competentes e a opinião pública nacional, quanto ao uso indiscriminado e dirigido, com objetivos políticos, de vultosos recursos por parte de órgão do Governo norte-americano – a USAID/Brazil sem qualquer controle do Governo brasileiro, subordinando às diretrizes do Departamento de Estado dos Estados Unidos, a política econômica e administrativa de alguns governos locais brasileiros.

Isto vem a se constituir num fator de desintegração da política econômico-social do Governo brasileiro, com previsíveis reflexos futuros sobre a estrutura político-social do país e a unidade nacional.

RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS

1º - O Estado de Pernambuco deve denunciar esses Acordos, eivados de flagrante inconstitucionalidade, estruturados de modo a consubstanciar uma abdicação de prerrogativas inalienáveis.

2º - O Estado de Pernambuco não deve admitir nenhuma forma de debilitamento e alienação de seus órgãos administrativos, como por exemplo a criação de entidades paralelas, para a codireção de programas específicos; a atribuição de gratificações que equivalem ou excedem os vencimentos de seus funcionários, degradando, assim, o serviço público; e a divulgação, perante a opinião pública, a pretexto de criação de uma mística da ALIANÇA PARA O PROGRESSO, de todas as realizações administrativas como oriundas de um órgão cada vez mais identificado como a agência de um Governo estrangeiro.

3º - O Estado de Pernambuco não deve admitir, no cumprimento de suas tarefas administrativas, que os projetos total ou parcialmente financiados por ajuda externa sejam elaborados, dirigidos ou controlados por representantes de qualquer órgão estrangeiro.

Quando correu a notícia, que Pernambuco iria denunciar os acordos da USAID, o presidente da Aliança para o Progresso no país, Embaixador Lincoln Gordon, disse à imprensa, que iria comparecer à reunião da SUDENE. Nesse encontro, enquanto o Governador lia nosso relatório, o Embaixador dos Estados Unidos, sentado quase à sua frente, fumava, tranqüilamente, seu cachimbo. Quando Arraes começou a ler o capítulo "Alienação da soberania nacional", e passou à "PL 480 como instrumento de interferência", citando inúmeros economistas norte-americanos, Lincoln Gordon tirou o cachimbo, pôs sobre a mesa, voltou-se para Celso Furtado, e perguntou:

- Ministro, posso fazer uso da palavra?

-Pode, Embaixador.

- Eu sou economista. Sou da "American Economic Association". Os economistas, que estão sendo citados, condenando o programa que dirijo no Brasil, são meus colegas e meus amigos, e eu não conheço esses textos.

Eu esperava este grande momento. Passei para o Governador o número da "American Economic Review", com a página aberta, na condenação das bases da Aliança para o Progresso feita pelos próprios economistas norte-americanos. O Governador entregou ao Embaixador a revista.

Ele pôs os óculos e leu. Depois, olhou a capa, certamente em busca da data. Devolveu a revista ao Governador. Segurou o cachimbo e voltou a fumar, e não deu mais um piu em toda a reunião.

No dia seguinte, fui à Brasília para um encontro com o Ministro da Justiça, João Mangabeira. Deixei com ele um exemplar de nosso trabalho. Ele foi incisivo: "só podia vir de Pernambuco". Vocês estão defendendo a Federação. Um Estado membro não pode fazer convênio com o Governo dos Estados Unidos. Estão defendendo a soberania nacional. E, lembrou a pessoa para levantar o problema, no Senado: Pinto Ferreira, meu professor, na Faculdade de Direito do Recife.

Em seguida, fui ao encontro do grande ex-presidente Juscelino Kubitschek. Conteí a JK, o quadro que havia levantado, analisando os recursos aplicados, no Brasil, pela Aliança para o Progresso. Numa coluna, os Estados; na segunda, os governadores; na terceira, os partidos; e, na última, os valores alocados. Disse-lhe, que só foram contemplados governadores da UDN. Disse-lhe mais, que 8 meses após a Carta de Punta del Este, o Brasil e a América assinaram, em Washington, o Acordo do Nordeste, dando prioridade à região. Pois bem, todo o Nordeste havia recebido 13 milhões de dólares. E, o Estado da Guanabara, fora do Nordeste, com um dos mais elevados índices de renda per capita do país e o segundo parque industrial, recebeu sozinho 70 milhões de dólares, cinco vezes mais que todo o Nordeste do Brasil. Mas, o governador era da UDN e forte candidato à Presidência da República. Conversamos muito, e, três dias depois, JK deu entrevista à imprensa, dizendo que Pernambuco tinha razão. A Aliança para o Progresso teria que mudar completamente. Ser totalmente reestruturada.

EPÍLOGO TRÁGICO

*A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá.*

Chico Buarque

Pinto Ferreira não chegou a abrir o problema no Senado: o Congresso Nacional foi fechado. O Ministro da Justiça não pôde tomar nenhuma providência, no Poder Executivo: o Presidente da República foi deposto. O Governo de Pernambuco não deu mais um passo para executar o Parecer aprovado: o

Governador foi preso. O MCP foi invadido e ocupado - pilhados os seus bens, os seus livros e suas máquinas - com dois tanques de guerra, como cães de guarda, nos jardins de sua sede. Paulo Freire e outros dirigentes: presos, perseguidos e exilados.

O MCP EM PAULO FREIRE

A boniteza da invenção do MCP conquistou, inteiramente, Paulo Freire. Repercutiu, fortemente, no seu espírito, no consciente e no inconsciente. Senti isto, com clareza, quando ele lançou "Pedagogia da Esperança", tantos anos depois, no Arraial do Bom Jesus. Vi, nos seus olhos, e ouvi, na sua voz, quando ele disse, na Rua da Hora 100, "bote meu nome nisso", "eu estou nisso".

Sua obra, desde o princípio, antes mesmo de o Movimento de Cultura Popular existir, está intrinsecamente ligada à saga do MCP. Pascal entenderia assim, o aparente mistério: "tu não me buscarias, se já não me tivesses encontrado". O impacto do MCP em Paulo Freire é mais visível ainda, quando se compara "Educação e Atualidade brasileira" (antes do MCP) e "Pedagogia do oprimido" (primeiro livro depois do MCP, da prisão, do exílio).

Mas, Paulo Freire fala pouco do MCP. Por escrúpulo, zelo, delicadeza de espírito. Ele sempre achou, que era uma missão minha. Que eu deveria contar a história do MCP. Ele até quantificava e cobrava sempre: "Você deve ao Brasil pelo menos 6 livros sobre o MCP". E, disse isto, de novo, em nosso último encontro, na sua casa, dez dias antes de seu encantamento, quando ficamos conversando até de madrugada: Nita, ele, Verônica, Ivan e eu.

Paulo Rosas, em sua Comunicação à 32ª Reunião Anual da SBPC, observou: "O MCP pode ser útil ainda hoje pelas pistas deixadas pelo que fez, pelo que quase fez, por sua incompleta teorização, por sua metodologia que ficou a meio caminho". Talvez esse sentimento de incompletude e de inacabado desapareça, pensando-se que toda a obra pedagógica de Paulo Freire é a pedagogia do oprimido, ou seja: a pedagogia do MCP.

O MCP não pode ser interpretado hoje, sem Paulo Freire.

E simplesmente porque o MCP está em Paulo Freire.

PRÊMIO NOBEL DA PAZ PARA PAULO FREIRE

Proposta apresentada pelo
ex-Presidente e Fundador
do MCP, Germano Coelho,
aprovada, no Plenário, por
unanimidade.

Ao Comitê Nobel Norueguês
Drammensveiem 19.
N 0255 OSLO 2

Noruega

O III Colóquio Internacional Paulo Freire, articulado em torno do grande tema "Paulo Freire Pedagogia e Reinvenção da Sociedade," comemorativo do 80º aniversário do eminente educador, reunido no campus da Universidade Federal de Pernambuco, no Nordeste do Brasil (Anexo 1), tem a honra de propor a esse egrégio Comitê, in memoriam, o nome do insigne mestre brasileiro, como Prêmio Nobelda Paz de 2002 (Anexo 2).

Os participantes do III Colóquio Internacional, e os que subscrevem este documento; confiantes na continuidade da ação do grande educador, através do "Centro Paulo Freire – Estudos & Pesquisas", órgão promotor do conclave, esperam o decisivo apoio do Comitê Nobel Norueguês, a fim de que cresça, no 3º Mundo e no 3º Milênio, a Pedagogia do Oprimido, como genuíno instrumento de construção da verdadeira Paz "Opus justitiae pax"

Presidente da República
Vice-presidente
Governador de Pernambuco
Vice-governador ...

- Anexo 1 - III Colóquio Internacional Paulo Freire. Paulo Freire - Pedagogia e Reinvenção da Sociedade. Comemorativo do 80º Aniversário de Nascimento de Paulo Freire.
- Anexo 2 - Moacir Gadotti. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire: Brasília, D.F.: UNESCO, 1996.

BIBLIOGRAFIA

Aliança para o Progresso. Resultado de um inquérito ordenado pelo Governo de Pernambuco. São Paulo: Brasiliense, 1963.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). A pedagogia da libertação em Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2001.

Frente de Educação Popular. Programa de Educação do Governo de Pernambuco para 1963. Recife: SEC, 1963.

GADOTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire. Brasília, D.F: UNESCO, 1996.

_____.Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1991.

Memorial do Movimento de Cultura Popular MCP. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986. (Coleção Recife - vol XLIX).